



# ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

## DA SOCIEDADE SALESIANA

### SUMÁRIO

#### I. Carta do Reitor Mor

Chamamento à santidade — Consagrados — Profissionais da santidade — Dois modernos exemplares de santidade — A palavra de Dom Bosco — A resposta de Dom Rua — "Inenarrável bondade" — Atividade extraordinária — Sensibilidade e abertura para os problemas dos tempos — A fonte — "Sacerdote do Papa" — Dom Rua nos convida.

#### II. Capítulo Geral Especial

Carta das Comissões Pré-Capitulares aos Irmãos — Noticiário dos trabalhos.

#### III. Disposições e Normas (nada a assinalar neste número).

#### IV. Comunicações

Ereção das "Voluntárias de Dom Bosco" como Instituto Secular — Comprovação do Santo Padre pela carta do Reitor Mor sobre o "subdesenvolvimento" — Novo Bispo Salesiano — Nomeação de Inspetor — *Solidariedade fraterna*.

#### V. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral

#### VI. Documentos

Rescrito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, para a ereção da Associação das Voluntárias de Dom Bosco, como Instituto Secular — Carta do Cardeal Villot ao Reitor Mor sobre o "subdesenvolvimento".

#### VII. Magistério Pontifício

Exortação apostólica de Paulo VI a todos os Bispos por ocasião do quinto aniversário do II Concílio Ecumênico do Vaticano — O estudo do Ateísmo e o diálogo com o mundo secularizado — Para uma economia de serviço e fraternidade que elimine o escândalo da fome e da miséria — Pobres! A Igreja vos ama a vós, pobres! — Mensagem missionária de Paulo VI — Discurso de Paulo VI aos jovens — Todo homem é meu irmão — O problema da educação da juventude moderna.

#### VIII. Necrologia (primeiro elenco de 1971).





# I. CARTA DO REITOR-MOR

---

*Turim, março de 1971.*

*Irmãos e filhos queridos,*

Comunicando-vos nos últimos *Ato*s a notícia da beatificação de Dom Rua a realizar-se no correr do ano de 1971, acrescentava que teria voltado a falar sôbre o assunto. É o que pretendo fazer com esta minha carta. É um dever e, antes ainda, um motivo de grande alegria para mim poder entreter-me convosco sôbre êste acontecimento tão rico de significado para a nossa família, melhor, para cada um de nós.

O fato de que Dom Rua, o primeiro sucessor de nosso Fundador, receba o crisma eclesial da santidade, depois de um lento e laborioso íter, durante o qual cada dobra e aspecto de sua vida foram diligentemente e, diria, severamente averiguados, nesse momento da vida da Igreja, enquanto a Congregação está empenhada na procura do seu autêntico renovamento, tudo isso me parece seja um amável e fecundo gesto da Providência, que nos oferece um dom de grande valor, e ao mesmo tempo nos faz uma advertência a um chamamento dos valores perenes e essenciais que estão na base de toda verdadeira vida cristã, ainda mais se consagrada.

## **Chamamento à Santidade**

Vamos dizê-lo com palavras claras, a beatificação de Dom Rua é um chamamento para a nossa vocação fundamental, que é vocação à santidade. Ao dizer esta palavra



me parece ouvir uma objeção que poderia vir de alguma parte, espero não de vós, caríssimos irmãos.

Falar de santidade, hoje? Não está fora do lugar? Não seria anacronismo?

Devemos reconhecer que esta palavra “santidade”, com tudo o que ela comporta, hoje em tanta literatura que se diz religiosa, parece desaparecida. Mas, a mesma palavra não pode ser cancelada da vida da Igreja, menos ainda da vida dos consagrados. Para fazê-lo, seria necessário antes de tudo eliminá-la, com todos os valores e os compromissos que ela comporta, do Evangelho, de tôda a constante doutrina e da mesma vida da Igreja, herdeira e realizadora da palavra evangélica.

Mas podemos dizer mais: mesmo nesses nossos tempos, mais de dois mil Padres do Vaticano II que “abriu de par em par as janelas da Igreja”. não só não riscaram dos seus documentos a santidade (aliás, como poderiam fazê-lo sem trair o seu mandato?), mas antes recolheram e reavivaram com sôpro renoyador o ensinamento do Evangelho e dos Apóstolos e o ininterrupto dos Padres da Igreja, chamando todo o Povo de Deus à sua primária vocação à santidade que definitivamente consiste em viver o Evangelho, todo o Evangelho, vida que se torna de per si eficaz testemunho.

Precisamente no Concílio Vaticano II houve um Bispo que disse: “Nos Estados Unidos, o único Evangelho que muitos ateus conheceram foram as Irmãs encontradas nos hospitais. Qual seria a fôrça dêsse “Evangelho” não lido, não pregado, mas visto a ser vivido, é atestado pela curiosidade neles despertada em saber alguma coisa sôbre essas mulheres vestidas de branco. Esta primeira curiosidade atraía a outra, isto é, a de ouvirem falar dAquele que totalmente desconhecem, e no qual êsses anjos de bondade acreditavam a ponto de lhe consagrarem a vida e tudo o que a vida, a

formosura e comodidades lhes ofereciam, a fim de se dedicarem ao serviço dos outros: que maneira admirável de se travar um diálogo construtivo com os que estão longe”. A quem manuseia os documentos do Vaticano II não lhe pode escapar o chamamento referente à santidade embora dirigidos às mais diversas classes do Povo de Deus.

Bispos e leigos empenhados, contemplativos e missionários, esposos e sacerdotes e consagrados, a todos êles os documentos conciliares não sòmente lembram a exigência da santidade, mas ainda lhes indicam sempre o caminho e os meios.

Citemos pelo menos algumas dessas afirmações conciliares.

Na *Lumen Gentium* lemos a seguinte, clara e solene: “Todos os cristãos de qualquer condição ou estado são chamados pelo Senhor, cada um por seu caminho, à perfeição da santidade pela qual é perfeito o próprio Pai” (L.G., 11).

Em outra passagem, a mesma Constituição expressa em forma dir-se-ia mais premente êsse empenho do simples (se autêntico) cristão: “Todos os fiéis cristãos... são convidados e obrigados a procurar a santidade e a perfeição do próprio estado” (L.G., 42).

### **Consagrados — profissionais da santidade**

E para nós consagrados? A Igreja do Concílio faz de nós os profissionais da *sequela Christi*, da conformidade a Cristo, na qual em substância consiste a santidade, capaz portanto de testemunhar a santidade da Igreja, seguindo o Mestre pobre e obediente, virgem e orante.

Por isso ainda a *Lumen Gentium* diz textualmente de nós consagrados. “Sollicitamente cuidem os religiosos que

através dêles a Igreja possa, de fato, manifestar sempre melhor Cristo tanto aos infiéis como ao fiéis” (L.G., 46).

Se queremos ser corajosamente sinceros, portanto, o problema de fundo, ou melhor, a razão de ser da vida religiosa é a santificação dos membros. As mesmas estruturas, as pessoas mesmas que exercem na vida religiosa uma autoridade, têm como finalidade primária e substancial facilitar aos irmãos, dos quais são responsáveis, o caminho da santidade. É interessante a propósito disso a definição que um escritor de espiritualidade dá ao exercício da autoridade na vida consagrada: Mandar significar ajudar o religioso a fazer a vontade de Deus, ou seja a fazer-se santo” (Padre Anastásio, *Ascolto di Dio*).

Nessa linha evangélica e conciliar movem-se e agem também hoje muitas almas na Igreja de Deus. É verdade que elas não são notícia, não encontram muito espaço nas colunas dos jornais, mas nem por isso é menos real a sua presença e menos eficaz a sua ação. A um olhar vigilante e atento não passam despercebidas e são motivo de confiança e esperança no meio de tantos sinais que levariam a pensar num humanismo que, segundo a palavra de um escritor, se identificaria antes mais com um autêntico satanismo.

Dessas almas encontram-se, providencialmente, em tôdas as classes do povo de Deus, entre os que têm altíssimas responsabilidades na hierarquia da Igreja, entre humilde almas consagradas e obscuros apóstolos, entre leigos que se dedicam, por um sentido de missão cristã, às difíceis tarefas da promoção social e da mesma política e entre modestos trabalhadores, entre almas minadas pelo sofrimento por vêzes atroz e prolongado, e até mesmo entre homens que, embora mergulhados nos negócios, sem serem nada prisioneiros e contaminados, levam-lhes o sentido da justiça e da caridade evangélica.

## Dois modernos exemplares de santidade

Quisera apenas lembrar, entre tantos, dois homens dos quais podemos falar tranqüilamente não só porque são de todos conhecidos, mas também porque hoje não nos condicionam com o véu do respeitoso pudor da intimidade natural quando se deva falar de pessoas viventes: Papa João e o Cardeal Bea. Duas grandes figuras, que nos são contemporâneas, assaz diferentes entre si, mas ambas sedentas — é a palavra — de santidade. Para nos convencer-nos se é certamente indicativa e impressionante a sua vida e atividade externa, o é ainda mais a sua vida interior.

Quem tiver lido, o “*Diário Íntimo*” do Papa João XXIII e o *Diário* do Cardeal Bea, achou-se diante de dois gigantes da santidade vivida, precisamente nestes nossos tempos.

Eles, enquanto incansavelmente e com ardor jovem, multiplicam, também em idade mais que avançada, a sua atividade para o reino de Deus, alimentam-se sistematicamente no contato simples, filial com Deus, vão aprimorando sem cessar e purificando a própria humanidade para uniformizar-se o mais possível com a figura daquele que representa o ideal vivo, entusiasmante de sua vida: Cristo Senhor:

Seguindo o fio da vida de José Roncalli sobressai evidente através do *Diário Íntimo* a preocupação constante que encontra, podemos dizer, em cada página do “Diário”: a própria santificação. Extraio do Retiro para o seu 80.º aniversário, em 1961.

“A santificação... Estou ainda bem longe de a possuir de fato; mas o desejo e a vontade de a conseguir são em mim bem vivos e decididos”.

E depois para levar a vontade a um plano concreto vai trazendo, aplicando-os a si, alguns períodos tirados de um precioso livrinho do grande Antonio Rosmini, grande não

só pela alta inteligência, mas talvez, mais ainda, pela santidade da vida.

“Conservai o grande pensamento de que a santidade consiste no gôsto de ser contrariado e humilhado sem razão ou com ela; no gôsto de obedecer; no gôsto de esperar com grande paz;... em reconhecer os benefícios que se recebem, e a indignidade própria; em ter uma grande gratidão; respeito para com a pessoa alheia e... na caridade sincera: tranqüilidade, resignação, doçura, desejo de fazer o bem a todos e a laboriosidade...” (*La perfezione Cristiana*, Stresa, 1840).

A essas palavras Papa João acrescentou com extrema simplicidade e naturalidade: “Para minha edificação, são estas as aplicações ordinárias do meu lema pessoal tirado de Barônio: “*Oboedientia et pax*”. Ó Jesus, ficai sempre junto de mim. Dou-vos graças por esta doutrina que me segue por tôda a parte”.

Penso que seja impossível compreender o Papa João pelos gestos imprevisíveis e corajosos e repassados sempre de grande bondade sem conhecer essa fonte da qual êle hauria incessantemente com a vontade sempre ansiosa de avizinhar-se ao exemplar, Cristo, que aliás quer dizer trabalhar pela própria santificação.

Fiz alusão ao Cardeal Bea. É interessante ouvir o que refere ao P. Schmitd, já seu secretário particular que organizou também o *Diário* dêle.

Quando foi nomeado Presidente do Secretariado para a União dos cristãos o Cardeal entrara no seu octogésimo ano.

Isso não lhe impediu fazer numerosas viagens na Europa, quatro nos Estados Unidos, uma a Constantinopla. Só nos primeiros nove meses de 1962 deu vinte e cinco entrevistas à imprensa, à rádio, à TV. No Concílio fez quatro



relações, além disso fêz dezenove intervenções a título pessoal na sua qualidade de Padre conciliar. Desde a sua nomeação a Cardeal, êle deu à imprensa duzentas e sessenta publicações diferentes, entre as quais há oito livros traduzidos em média em quatro ou cinco línguas.

Estamos certamente diante de um homem de uma atividade extraordinária que suscita maravilha em se olhando também a idade.

A descoberta, depois da sua morte, do seu *Diário Espiritual*, levado quase até ao falecimento, veio a projetar luz clara e a descobrir o manancial das maravilhosas energias dêste homem que foi uma das personalidades centrais do Concílio.

As notas da sua vida, e, — por quê não? — do seu laborioso íter espiritual, redigidas com sinceridade, constante diligência e humildade, revelam-nos também nele uma profundidade e uma riqueza espiritual, uma ânsia incansável, um esforço cotidiano para aproximar-se do modelo: Cristo.

Êle não se cansa nunca de repetir a si mesmo diante de Deus: no meio do trabalho imenso que deve enfrentar dia a dia, o cuidado profundo de uma vida espiritual é o elemento determinante, não só pela própria salvação, mas também pela fecundidade da atividade apostólica. A ação do apóstolado, são repetidas reflexões dêle, é tanto mais profunda, quanto mais íntima é a sua união com Cristo, do qual deve ser instrumento dócil.

Ainda outras idéias constantes que encontramos no *Diário*.

Cristo deve ser o centro da sua vida, mas amor a Cristo para êle significa também esforço contínuo para tornar-se semelhante a Cristo, e isto sobretudo no autêntico amor ao próximo, na humildade e na sincera aceitação da Cruz.

## A palavra de Dom Bosco

Queridos Irmãos, estamos diante da realidade de sempre, que infelizmente hoje se procura muitas vezes ignorar ou, pior ainda, revirar.

A atividade mais febril é verdadeiramente fecunda, é “apostolado”, quando é como a projeção do amor de Cristo que no Apostolado é ao mesmo tempo fonte, guia e meta de toda a vida. Em substância está aqui a santidade. Também hoje, graças a Deus, temos na Igreja, e podemos acrescentar na Congregação, mesmo em diferentes formas e situações, não poucas almas que vivem intensamente essa divina tensão, que na prática é a atuação da palavra dirigida pelo Concílio a consagrados: “Os membros de todo e qualquer instituto, procurando antes de tudo e tão somente a Deus, devem unir a contemplação, pela qual aderem a Deus com o espírito e o coração, ao amor apostólico, pelo qual se esforçarão por associar-se à obra da Redenção e por dilatar o Reino de Deus (P.C., 5).

Mas, para nós é natural, como filhos confiantes, ouvir, também a propósito de santidade, o nosso Pai. Dom Bosco tem alguma coisa que dizer-nos sobre isso.

Justamente a Dom Rua que foi o primeiro Mestre de Noviciado em Valdocco, Dom Bosco havia escrito estas palavras que remontam aos albores da Congregação: “Primeiro objetivo da nossa Sociedade é a santificação dos membros. Cada qual imprima-o bem na mente e no coração; começando pelo Superior Geral até o último dos Sócios nenhum é necessário na Sociedade. Deus somente deve ser o Chefe, o Dono absolutamente necessário” (*Ceria, Epistolário de S. J. Bosco*, Lettera 559).

Como se vê, nosso Pai sobre esse ponto é de uma clareza e decisão que não dá lugar a nenhuma dúvida. Entretanto,

convém lembrá-lo, não se pode mesmo dizer que Dom Bosco fôsse um verticalista, um amante do *quieta non movere*, um severo asceta de mosteiro medieval.

Mas justamente porque devorado pelo zêlo dinâmico e incansável e criativo para o bem do próximo, compreendia e queria fazer compreender bem aos seus filhos que o ponto de partida e de chegada para quem quer que entra, vive e trabalha em Congregação é Deus: o que se identifica, como Ele mesmo claramente repete em notas em tantas ocasiões e confirma com o exemplo, com a santificação dos membros da Sociedade.

### A resposta de Dom Rua

Neste ponto devemos perguntar-nos: como respondeu Dom Rua ao preciso programa que lhe ditava Dom Bosco: a santidade?

Peço a resposta de pessoas que conheceram bem Dom Rua e eram juntamente bem entendidos em santidade.

E antes de citar os autorizados juízos *post mortem* sobre a santidade de Dom Rua, eu quisera recordar o juízo de Mamãe Margarida sobre o jovem Miguel Rua, nos tempos heróicos do Oratório. Ela falando com Dom Bosco repetia: “João, todos os meninos daqui são bons, mas Miguel Rua supera todos”. Um juízo que acompanha Dom Rua constantemente por toda a vida.

O grande arcebispo de Milão, André Ferrari, cuja causa de beatificação foi introduzida, falando de Dom Rua repetiu mais de uma vez que, se estivesse ainda vivo o uso de proclamar os santos pela voz do povo, êle teria tomado a iniciativa.

O Cardeal Cagliero, que viveu muitos anos ao seu lado e homem... não fácil de contentar-se, dêle dirá nos proces-

sos: Em Dom Rua jamais existiu nem o eu nem o meu, mas sòmente Deus”.

O padre Rinaldi, finalmente, dá nos processos êste testemunho: “Pio X me falou de Dom Rua, que êle bem conhecia, com grande veneração e concluiu dizendo-me que Dom Rua era um sábio, frisando bem esta palavra e acrescentando: era um santo!”.

Mas desta santidade já reconhecida pela Igreja, quais são os aspectos que podem interessar a nós que vivemos nesta época tão diversa daquela em que vivera e operara Dom Rua?

Selecionarei alguns que me parecem particularmente válidos para o nosso intento.

### “Inenarrável bondade”

O diário de Milão *L'Osservatore Cattolico* de 6/7 de junho de 1902 fazia de Dom Rua êste retrato: “Poderá ter sessenta e quatro anos. Alto, franzino, diáfano, com o rosto de asceta, transpirando suavidade, doçura inefável. A sua palavra tênue e modesta, lembra a do Fundador que na sua simplicidade sabia procurar as fibras mais delicadas do coração e fazê-las vibrar. É de uma bondade inenarrável e de uma atividade extraordinária”.

Mas já de Dom Rua jovem Diretor de Mirabello — tinha apenas vinte e oito anos — o P. Cerruti declarava: “Lembro sempre a sua operosidade incansável, a sua prudência tão fina e delicada de govêrno, o seu zêlo pelo bem não sòmente religioso e moral, mas também intelectual e físico quer dos irmãos, quer dos alunos. Tenho viva ainda agora na alma a caridade, não diria paterna mas materna, com que me amparou em maio de 1865, quando caí doente”. Parece-me

que há, especialmente no último período do primeiro retrato, alguns aspectos da santidade de Dom Rua tão valorizados pela espiritualidade moderna, elementos que evidentemente supõem outros talvez também menos vistosos, mas ainda mais essenciais.

Aquela bondade “inenarrável” permutada pelo Pai de quem fala o jornal, é sempre mantida, tornar-se-á sempre mais evidente e impressionante à medida que Dom Rua tomará nas mãos o governo da Congregação.

Os testemunhos sobre isso não se contam, e são de pessoas digníssimas de fé que falam às mais das vezes sob o vínculo do juramento.

Eis as palavras do Prof. Piero Gribaudi, da Universidade de Turim, o qual tinha convivência íntima com Dom Rua: “Demonstrava para com os humildes o seu máximo afeto e os tratava da mesma maneira como tratava as pessoas de condição elevada. Parecia até que quanto mais a pessoa era humilde, tanto mais ele a tratava com afabilidade (Processo, pg. 654 - 703).

Dessa “inenarrável bondade” desejo citar, entre tantos, dois fatos que me parecem significativos.

Em nosso arquivo se conservam 115 cartas escritas por Dom Rua tôdas em resposta a outras tantas cartas que lhe enviara no curso de vários anos um pobre confrade doente e deprimido. O que mais impressiona é verificar que cada resposta é traçada sempre com uma caridade singular como se ignorasse tôdas as precedentes.

Não se requer muito esforço para compreender como tal correspondência denota no Superior uma paciência, compreensão e uma bondade que só podem provir de sua caridade vivida profundamente.

No outro episódio transparece evidente uma delicada compreensão e uma amável condescendência que só uma mãe

de exceção poderia ter para um seu filho que pede alguma coisa além dos limites de toda a discricção.

Um clérigo não consegue compor a poesia que êle deverá fazer cantar na festa de seu diretor: P. Guidazio. Vem-lhe uma idéia incrível: escreve ao Superior Geral Dom Rua pedindo-lhe que componha urgentemente o hino com matéria adaptada à música já pronta. Alguns dias antes da festa chega para o clérigo o hino solicitado... ao Reitor Mor. Os comentários cada um pode fazê-los.

Compreendemos então como Dom Rua escrevendo aos salesianos da Argentina logo depois da morte de Dom Bosco podia fazer esta declaração: "A grande caridade que informava o coração de nosso querido Dom Bosco, de santa lembrança, acendeu com o exemplo e com a palavra a centelha de amor que Deus bendito colocara no meu, e eu cresci eletrizado pelo seu amor, pelo que, se sucedendo-lhe não pude herdar as grandes virtudes do nosso santo Fundador, o amor dêle pelos seus filhos espirituais sinto que o Senhor mo concedeu.

Todos os dias, todos os instantes do dia eu os consagro a vós... por isso rezo por vós, penso em vós, trabalho por vós como uma mãe pelo seu unigênito".

### **Atividade extraordinária**

O outro aspecto da santidade de Dom Rua que, entre tantos, desejo pôr em evidência, é o da extraordinária atividade, como notava o jornal de Milão já citado.

Parece incrível que um homem de corpo tão frágil, com a saúde nada florida, tenha podido enfrentar uma atividade tão intensa e diuturna, vastíssima, interessando-se dos setores mais diversos de apostolado salesiano, promovendo

e realizando iniciativas que se apareciam naquele tempo extraordinárias e arrojadas, também hoje são para nós indicações validíssimas e estímulo para que não paremos em estáticas e estéreis formas de atividades que parecem evidentemente não corresponderem às exigências das almas.

O ponto de partida, antes, o centro motor de tôda atividade de Dom Rua devemos procurar antes de tudo no ensinamento e exemplo de Dom Bosco. Do Pai êle assimilou um e outro nos longos anos em que ficou ao seu lado. Dom Bosco repetia *verbo et opere*: “Não penitência e disciplina, mas trabalho, trabalho, trabalho”.

É supérfluo dizer como êsse trabalho de que Dom Bosco é propagandista e exemplar, quer ser um elemento de santidade ao lado da oração.

As *Atas do XIX Capítulo Geral* trazem sôbre o assunto um ponto muito significativo: “Oração e trabalho são como duas mãos unidas que não se devem nunca separar e menos ainda opor. Jesus mesmo nos deu o exemplo”.

Ainda jovem salesiano correu o risco de morrer precisamente por excesso de trabalho. Nessa ocasião o bom Pai lhe disse: “Eu não quero que você morra: tem ainda muito que trabalhar”.

E Dom Bosco teve razão.

Daquela hora em diante quem pode registrar o acúmulo de trabalho incessante, as inumeráveis realizações e atividades de Dom Rua?

Além de tudo o que importa ao govêrno de uma Congregação, ainda pelo fato de que era incipiente, (lembremo-nos que Dom Rua estêve pode-se dizer, ininterruptamente ao lado de Dom Bosco como seu segundo também antes de ser seu Vigário), Dom Rua achará expediente para encaminhar mil iniciativas.



Enquanto se preocupa sobretudo da orientação espiritual dos irmãos através das suas edificantes circulares e numerosos encontros, leva a sua atenção para os Oratórios, cujo amor herdou de Dom Bosco; para as Missões; para os Cooperadores; para os Ex-alunos e para todos os setores do apostolado salesiano.

Não satisfeito de toda essa atividade, ei-lo a empreender numerosas viagens para encontrar-se com seus filhos onde quer que estivessem.

Com os meios do tempo, em vinte anos percorreu mais de cem mil quilômetros. Foi definido o caixeiro viajante da caridade. Mas como lhe custavam essas viagens! Nunca se acostumou com as viagens por mar, de modo que cada travessia era para ele um longo tormento. Acrescentem-se ainda as cansativas noites passadas nos trens, de terceira classe de então! A contínua mudança de cama, os alimentos, os usos, os costumes diferentes a que precisava adaptar-se... eram para a sua constituição grácil uma fadiga e um sofrimento que não se pode imaginar.

### **Sensibilidade e abertura para os problemas dos tempos**

Permiti que aluda a alguma sua iniciativa que nos diz da abertura, sensibilidade e dinamismo de Dom Rua. Promoveu e organizou seis congressos de Cooperadores salesianos. A série abriu-se com o internacional de Bolonha.

A *Civiltà Catolica* naquele tempo escrevia: “O Congresso internacional dos Cooperadores salesianos em Bolonha foi um esplêndido ensaio de operosidade religiosa e os salesianos conquistaram um belo louvor por terem conhecido os tempos e trabalharem com eles, tendo escolhido para o seu apostolado os pobres e os operários”.



Pela primeira vez na história dos Congressos se assentaram na bancada da imprensa os correspondentes de 60 jornais: 39 italianos, 4 espanhóis, 7 austríacos, 4 franceses, 1 alemão, 3 suíços, 2 ingleses.

Talvez poucos salesianos, especialmente das novas gerações, saibam qual interesse tenha demonstrado, e com os fatos, Dom Rua pelos operários e pelos seus problemas.

Ele teve relações de grande amizade com León Hamel, um grande líder, naquele tempo, do movimento operário na Europa. Em 1891 Dom Rua quis acolher em Valsalice quatro mil operários que, guiados precisamente por Hamel para Roma, fizeram uma parada em Turim a fim de homenagearem a Dom Bosco aos pés de seu túmulo. No almôço Dom Rua quis falar: após ter colocado em evidência o lugar eminente que o trabalho e o operário cristão haviam ocupado na vida de Dom Bosco, manifestou a sua viva admiração pelo seu movimento social.

Que essas palavras não eram cumprimentos e fáceis lugares comuns, além do mais, um fato o comprova.

Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do nosso século houve na Itália momentos difíceis e às vezes também graves por causa das agitações populares e operárias que surgiam na incipiente sociedade industrial.

Em 1906 em Turim fizeram greve os operários das grandes fábricas têxteis Poma. A greve se prolongava havia semanas com grave prejuízo dos mesmos operários; mas as partes não encontravam um ponto de encontro. Dom Rua, amigo pessoal do titular da Firma, tanto insistiu e se empenhou até que no domingo 10 de julho, depois de uma longa reunião, ele podia fazer anunciar a todos os trabalhadores que, chegados a um acôrdo razoável e vantajoso para ambas as partes, na segunda feira se reiniciaria o trabalho.

A propósito de operários, devemos lembrar quanto Dom Rua se tenha esforçado para ajudar e orientar uma ótima animadora social que operava em Turim: Cesarina Astesana. Sem substituir-se ao sindicalista, sem tornar-se um animador de massas, como foi o seu amigo Harmel, sempre como sacerdote fêz-se conselheiro prudente, cristãmente animador... dos animadores diretos do movimento operário.

Cesarina Astesana na frente social debatia-se contra três inimigos: o trabalho em dia santo; o horário excessivo; o salário de fome. Por detrás da sindicalista trabalhava com o conselho prudente e com ajuda também econômica Dom Rua.

### **A fonte**

Diante de toda essa atividade intensa e extraordinária, desenvolvida no meio de dificuldades por vezes muito graves, enquanto devia enfrentar problemas e situações complexas e também muito dolorosas, sangrentas mesmo, houve quem perguntasse como Dom Rua encontrava tempo para toda essa mole enorme de trabalho e iniciativas, como tenha conseguido evitar o esgotamento, como tenha podido manter aquela serenidade de que falam tão numerosas testemunhas.

A resposta a esse conjunto de perguntas acredito que se possa encontrar na afirmação do P. Francesia: “Dom Rua encontrava o seu descanso na oração”. Poder-se-ia acrescentar mais: Dom Rua, na oração, no contacto com Deus, junto com o descanso conseguia reaver as forças renovadas para atuar dia após dia, o que constituía o programa do Pai, feito seu próprio cem por cento como filho fidelíssimo que era: quero almas e somente almas.

Na realidade, o dinamismo dos santos tem sempre, embora com matizes e características próprias, uma só fonte

de energias: a fé que vê o Invisível, o sobrenatural, fazendo-se por isso comunhão contínua com Ele, comunhão que é colóquio, escuta, conforto, que se torna ardor de caridade e que explode por sua vez naquela sêde jamais saciada de doar-se ao próximo, não para atraí-lo a si mas para levá-lo àquele que o Santo ama, para Aquêlé justamente a quem por amor voltou a sua vida.

Assim era Dom Rua: só quem consegue ver sua vida impregnada de sobrenatural pode entender tôda a dinâmica da sua incansável atividade e, acrescentamos, da fecundidade da mesma.

Não é possível, dadas as proporções desta carta, descer a exemplificações e documentações, mas quem quer que leia uma vida de Dom Rua (e será de grande utilidade), logo disso se aperceberá.

### **“Sacerdote do Papa”**

Parece-me de cometer uma grave omissão não dizer uma palavra sôbre um aspecto da santidade de Dom Rua, que julgo intimamente unida à sua espiritualidade, àquela que é a fonte de tôda a sua atividade de salesiano, de sacerdote e de superior.

De fato, se é verdade que Dom Rua, seguindo o exemplo do Pai, encontrava na Eucaristia e na Virgem Maria a força e a confiança para responder com serena e alegre generosidade à “chamada” que dia a dia lhe vibrava na alma, não é menos verdadeiro que no seu caminhar quotidiano viu e encontrou no Papa a luz e o guia seguro de tôda a sua ação.

Dom Rua olhou sempre para o Papa com os olhos da fé, mas como havia aprendido de Dom Bosco, com o coração de filho devoto e fiel.

Mais do que Dom Bosco, a providência lhe reservou a êle provas ainda mais duras, diria mesmo heróicas, dessa fidelidade e docilidade. Durante o seu reitorado, foram emanados pela Santa Sé vários decretos, que pareciam fazer desmoronar tradições tidas como importantes na Congregação e como características do nosso espírito. Dom Rua, embora sentindo profundamente o golpe das providências imprevistas e por elas afligido no âmago do seu ser, tornou-se imediatamente paladino da obediência às disposições da Santa Sé, convidando a todos os Salesianos, a que, como verdadeiros filhos da Igreja e de Dom Bosco, as aceitassem com serenidade e confiança.

O Papa João XXIII em 1959, diante da urna de Dom Bosco e de São Pio X na Praça de São Pedro, definiu nosso Pai como “o sacerdote do Papa”. O mesmo Sumo Pontífice João, num autógrafo mandado ao nosso caríssimo P. Ziggiotti havia afirmado: “Não é possível compreender plenamente o espírito que sempre animou São João Bosco se se esquecer a sua especialíssima devoção à Cátedra de Pedro”.

Também nisso Dom Rua reproduziu o espírito e a imagem do Pai: foi um outro Dom Bosco.

O mesmo São Pio X, que sem o querer, havia posto à prova a fé e a obediência de Dom Rua, dêle podia dizer mais tarde (exatamente no dia 24 de julho de 1914) a Dom Salotti, defensor de várias causas de beatificação: “Não se esqueça de Dom Rua. Vejo nêle tôdas as virtudes heróicas que fazem santo o homem. Que estão esperando os Salesianos para começar a causa? Estamos diante de um grande Servo de Deus!”.

Mas para terminar esta consideração, papal diria, Dom Rua, perfeitamente na linha de Dom Bosco, queria chamar a vossa atenção para essa constante atitude de Dom Bosco, de Dom Rua e de todos os seus sucessores em relação ao Papa, à

Santa Sé: obediência feita de fé, de amor, traduzidos num serviço humilde mas cordial. Tal atitude é uma prerrogativa insubstituível que Dom Bosco transmitiu à Congregação, a todos os seus filhos.

Neste momento de fáceis e nem sempre lógicas contestações e críticas ao mesmo Sumo Pontífice, nós que nos sentimos e nos gloriamos de ser herdeiros do espírito do Pai, devemos sentir-nos empenhados em ser filialmente dóceis e fiéis aos ensinamentos e às diretivas do Papa. Uma atitude diferente, ou pior ainda, crítica, digamo-lo claramente, seria não só estranha mas absolutamente oposta ao nosso espírito. Não seria salesiana. Dom Rua nos dá um magnífico sofrido exemplo, demonstrando-nos uma vez mais que a obediência, aceita com verdadeiro espírito de fé, acaba por ser sempre redentora.

### **Dom Rua nos convida**

Mas já é tempo de encaminharmo-nos para a conclusão.

No início desta carta dizia que a beatificação de Dom Rua acontece neste momento de nossa história como um presente e como um aviso.

Bem à vista do nosso iminente Capítulo Geral Especial, é um dever e um verdadeiro interesse acolher o presente e a mensagem que nos vêm de Dom Rua aureolado pela coroa da santidade.

Mesmo o fato de Dom Rua ter vivido num ambiente e num clima histórico e cultural diferente do nosso em nada nos justificaria se deixássemos cair no vazio esta mensagem.

Como diz um escritor moderno (Carlos Snider, Osservatore Romano, 1-2 de fevereiro de 1971), a espiritualidade do nosso tempo, embora tão diferente da passada, não recusa o santo.

O cristão de hoje sabe que “na vida dos santos Deus manifesta vividamente aos homens a sua presença e a sua face” (LG 50).

“No santo — continua o escritor — o homem de hoje procura não só o estímulo do exemplo, mas também o esteio e o confronto de um testemunho de vida e de ação análoga àquela que êle, justamente porque cristão, deve dar, cada dia, da sua vida terrena a Deus, à Igreja e aos homens”.

A asserção do escritor, válida para todo cristão, é de um empenho absoluto para nós, consagrados e salesianos.

Desejaria que justamente em vista do Capítulo Geral Especial nos apercebêssemos eficazmente da realidade à qual fortemente nos chama a imagem da santidade salesiana de Dom Rua.

No início de seu reitorado, na carta-programa que êle mandava aos Salesianos, depois de expressar todo o seu empenho de amor que devotava a cada salesiano, terminava: “Uma só coisa vos peço: fazei-vos santos”.

Irmãos e filhos caríssimos. Podemos estar certos de que Dom Rua, com Dom Bosco, ainda hoje nos repetiria a mesma exortação.

Na Congregação, o nosso fim primeiro e último é e deve ser de fato a nossa santificação, harmonizando com ela os outros fins e todos os meios e os modos de apostolado a que somos chamados.

A vitalidade, e diria: a vida mesma da Congregação, está subordinada e intimamente ligada à presença da santidade nela.

A voz de Dom Rua e de Dom Bosco une-se a voz de Paulo VI, que em nome da Igreja nos repete: “A Igreja precisa da vossa santidade”.

Todos êsses apêlos não podem ser ignorados e subestimados.

Rezemos e trabalhemos, cada qual no seu posto de responsabilidade, para que o Capítulo Geral Especial, recolhendo a mensagem do nosso Pai, do seu primeiro sucessor e da mesma Igreja, lhe dê uma resposta adequada e eficaz, para os nossos tempos e para os de amanhã.

Esta resposta será a alma da Congregação renovada. Sem ela, todo o grande trabalho levado a cabo antes e durante o Capítulo Geral Especial correria o risco de ser inútil.

Nosso Senhor nos assista e nos conforte para que essa força animadora seja felizmente expressa pela grande Assembléia da Congregação.

Mando-vos a minha afetuosa saudação no Senhor.

Af.mo,

*P. Luís Ricceri*

Reitor Maior.

P.S. — De várias Inspetorias chegaram respostas ao convite de orações em preparação ao Capítulo Geral Especial.

Vi com satisfação que estão em andamento belas e muitas iniciativas: graças a Deus e aos promotores.

Muitos bispos por mim interessados, a Madre Geral das Filhas de M. Auxiliadora e a Presidente das Voluntárias de Dom Bosco responderam com fervorosa generosidade ao meu pedido de orações. É toda a nossa grande família que está mobilizada espiritualmente.

Enquanto aguardo comunicados de outras Inspetorias que até agora não se pronunciaram, desejo externar a todos o meu vivíssimo muito-obrigado, esperançoso de que a nossa oração se faça cada vez mais intensa a medida que o Capítulo se aproxima.



## II. CAPÍTULO GERAL ESPECIAL

---

### *Carta das Comissões Pré-Capitulares aos Irmãos* *Noticiário dos trabalhos*

Na última e trepidante vigília do Capítulo Geral Especial sentimos imperiosa necessidade de informar a Congregação sobre as últimas fases preparatórias.

Poderia suceder que quanto vamos expor, na brevidade de espaço e tempo que temos, permita a mais de um dos nossos irmãos nos darem as últimas sugestões para programarmos com clareza e clarevidência as linhas da nossa renovação.

### **I — Primeiras orientações das Comissões Pré-Capitulares**

Conforme o que fôra estabelecido, a 10 de dezembro de 1970, chegaram à casa de retiros da Inspetoria Romana, “Vila Tusculana” (perto de Frascati), os trinta irmãos, membros das cinco comissões pré-capitulares. Estavam também pontualmente presentes os irmãos dos países mais distantes. Único ausente foi o irmão polonês, Pe. Guilherme Mocan, que não obteve o “visto” para vir à Itália.

No dia 11 de dezembro começaram os trabalhos com a concelebração presidida pelo Revmo. Sr. Pe. Scrivo.

As 9 horas iniciaram-se as primeiras discussões, que focalizaram dois pontos: a) fixar a finalidade ou os propósitos dos trabalhos; b) definir os critérios gerais que se adotariam.

Tomou-se logo conhecimento do método de trabalho por fazer.

As comissões, trabalhando com a maior intensidade possível, deveriam dar, até março, instrumento de trabalho para os membros do Capítulo Geral. Esses instrumentos deveriam ser tais que, por um lado, pudessem ajudar a leitura direta da imensa quantidade da documentação e, por outro, pudessem dar uma base para deliberações, fôsse a maturação que fôsse, a que se chegasse durante o capítulo.

Essa foi a finalidade própria que se teve em vista.

Nesse mesmo dia, estudou-se o modo como alcançá-la, com a certeza de ser essa a última etapa do trabalho prévio que a Congregação estava empreendendo antes do ponto de chegada, i. é., o Capítulo Geral Especial.

Em base já de orientação, que haviam sido discutidas previamente, em Turim, pelo regulador, o Sr. Pe. Scrivo, com alguns membros das comissões pré-capitulares, ficou claro que o trabalho mais prático seria a elaboração de um texto preliminar.

Esse texto, durante o capítulo geral, seria objeto dos trabalhos: interrogações, discussões, sentido exato, ou até objeções fundamentais.

O trabalho seria, pois, apresentar como núcleo um “texto martir”, tendo presentes todos os modos possíveis da recomposição a que poderia estar sujeito.

Esse texto, durante o capítulo geral, seria objeto dos trabalhos: dos e práticos.

Devia, antes de mais nada, derivar do espólio da documentação elaborada pela Congregação.

Devia, além disso, responder à instância fundamental da “renovação”.

E como para várias questões, vozes havia que se contrastavam, o texto devia apresentar uma escolha correspondente aos votos de maior profundidade, passando por cima de possíveis contrastes, devidos talvez a exigências locais diferentes.

A escolha devia ter suas razões. Por isso ficou determinado se ajuntasse ao texto, comentário que sublinhasse as diversas alternativas constantes da documentação e motivasse a escolha que fôra adotada.

Assim é que todo o documento elaborado por cada uma das comissões teria uma natureza composta: a) a documentação, que recolhia em síntese as vozes dos irmãos e de um modo particular dos Capítulos Inspetoriais Especiais; b) o “esquema” ou o texto; c) o comentário, fundamentando as escolhas do esquema e indicando as alternativas diferentes que não foram adotadas.

Dava-se à documentação e ao documentário um papel especial: caso o texto preparado caísse, devido a objeções fundamentadas, a documentação permitiria se encontrasse, nos documentos originais, a

voz da Congregação. O documentário apresentaria os argumentos — pro e contra — de uma determinada escolha. Dêsse modo as motivações que acompanhavam o comentário poderiam ser tomadas e elaboradas pelos capitulares, para comporem um eventual e nôvo texto de base.

## II — A radiografia dos segundos Capítulos Inspetoriais Especiais e os “documentos” prévios (12-31 de dezembro de 1970).

Cada comissão dispunha da seguinte documentação:

a) textos originais dos primeiros CIE (Capítulos Inspetoriais Especiais);

b) as “radiografias”, impressas, elaboradas pela comissão que se reunira em São Tarcísio (Roma), em julho e agosto de 1969;

c) o livro “Problemas e Perspectivas”, esboçado em São Tarcísio e concluído em Caselette por uma comissão menor, em setembro de 1969;

d) os “modos” de cada uma das “propostas” ou “instâncias”, na ordem apresentada em “Problemas e Perspectivas”;

e) pastas com as contribuições de estudo elaboradas nos segundos Capítulos Inspetoriais Especiais ou por irmãos, individualmente, conforme as sugestões de “Problemas e Perspectivas”.

As Comissões tôdas tinham à mão os Atos dos Capítulos Gerais de várias Ordens e Congregações; Constituições *ad experimentum* de Ordens e Congregações; comentários do Vaticano II ou estudos sobre a renovação da vida religiosa; as “Memórias Biográficas” de Dom Bosco; os Atos do Conselho Superior; informações e dados referentes à história e à vida salesiana.

Desde os primeiros dias de trabalho percebemos que seria muito útil a colaboração de “estudos preliminares” que enfocassem as linhas que estavam impelindo à renovação.

Assim foi que durante o período de Natal, ao lado das comissões pré-capitulares, alguns irmãos, adrede convocados, trabalharam na elaboração de três estudos prévios sobre êstes argumentos:

a) sinais dos tempos; i. é., linhas de força que caraterizam a nossa época e que, à luz da visual evangélica, deixam entrever a realidade

que as supera, o advento do Reino de Deus, o plano histórico da salvação nos dias de hoje;

- b) as linhas dinâmicas da renovação do Vaticano II;
- c) a vida religiosa ativa na Igreja hoje.

Os estudos prévios permitiam dar sentido determinado à terminologia, que, conforme previsão, havia de ser muito empregada quer na documentação elaborada pela comissão pré-capitular, quer, ao depois, nos trabalhos do Capítulo Geral Especial.

Além disso foi notado a utilidade de se ter à disposição uma “radiografia” dos segundos Capítulos Inspetoriais Especiais, semelhante à que fôra preparada para os primeiros.

Infelizmente isso implicaria perda de tempo e energias, mais ainda o perigo de ter que acelerar os trabalhos programados. Mas refletindo sobre os trabalhos das comissões pré-capitulares, aceitou-se a proposta e logo nos entregamos ao trabalho de elaboração da segunda “radiografia”.

\* As semanas disponíveis até o Natal passaram como relâmpago. Alguns irmãos renunciaram à folga do tempo de Natal, para preencher distâncias de trabalho existentes entre comissão e comissão.

### III — O trabalho de cada comissão, de janeiro a fim de fevereiro de 1971

As comissões capitulares se compunham de acôrdo com os cinco temas que constituem a contextura dos segundos capítulos inspetoriais especiais:

- a) natureza, fim e obras da Congregação;
- b) a vida consagrada do salesiano;
- c) a formação do salesiano;
- d) as estruturas da Congregação;
- e) as novas Constituições.

1 — Pela Epifania, a *quinta comissão* ultimara a radiografia do material concernente às Regras ou Constituições. Foi a primeira comissão que atinigiou a meta. Uniu-se então à primeira comissão asso-

berbada por enorme quantidade de documentos e que, temia-se, com dificuldade poderia terminar de acôrdo com o cronograma dos trabalhos.

2 — A *quarta comissão* até 14 de janeiro estava empenhada na revisão do material dos primeiros CIE, na integração da radiografia elaborada em São Tarcísio e na elaboração da radiografia dos segundos CIE.

Ao mesmo tempo ia redigindo de maneira provisória e sintética o texto sôbre as “estruturas”, segundo o esquema já esboçado em “Problemas e Perspectivas” e nos primeiros CIE:

- a) critérios gerais na renovação das estruturas;
- b) estruturas locais (casas etc.);
- c) estruturas inspetoriais;
- d) estruturas regionais;
- e) estruturas mundiais;
- f) os coadjutores no âmbito das estruturas.

Os esquemas datilografados foram discutidos no seio da comissão. Foi então possível elaborar uma primeira minuta mimeografada, que, a 7 de fevereiro, pôde ser distribuída a todos os membros da quarta comissão e submetida também ao exame do Conselho Superior.

De 7 a 14 de fevereiro o material foi de nôvo discutido no seio da comissão.

Da discussão vieram à tona dois problemas técnicos:

a) foi necessário escolher entre centenaes de alternativas diferentes e era, todavia preciso apresentar em termos bem claros e cabais as alternativas disponíveis;

b) em segundo lugar percebemos que a problemática relativa ao irmão coadjutor não podia ficar completa no tema das estruturas. Concordamos, por isso, que o tema seria tratado pela primeira comissão.

Os critérios fundamentais que orientavam a quarta comissão no elaborar o texto básico e as correlativas partes da documentação e comentário foram êstes:

a) elaborar estruturas que servissem para os indivíduos, para a comunidade, e para a específica missão salesiana;

b) fazer com que a organização correspondesse às exigências de corresponsabilidade e de colegialidade;

Encontramos problemas delicados de espírito em conexão com a renovação projetada: alguns tipos de estruturas colegiais levariam a repensar sobre a família salesiana, sobre a fraternidade na família, sobre a obediência.

Essas incidências foram notadas às comissões que houvessem de tratar do tema em nível da “mens” e da relação com o fundador e da tradição viva. Tais comissões são a primeira, a segunda e a terceira.

3 — *A terceira comissão*, dentro do período do Natal, conseguiu levar a cabo a radiografia dos segundos CIE. Ao mesmo tempo pôde também examinar os “Ato” dos primeiros CIE.

A 11 de janeiro terminou um primeiro esboço da documentação e entrementes elaborava uma primeira minuta de esquema e comentário.

Para a elaboração do esquema e comentário a comissão se dividiu em dois grupos. O primeiro se ocupou das metas e orientações gerais da formação; o outro estudou sugestões práticas.

A 7 de fevereiro o trabalho estava pronto.

Da discussão em conjunto resultou ser necessário reelaborar o primeiro esquema para suprimir tudo quanto se referisse às aplicações e para coordenar melhor as duas partes do texto.

A 19 de fevereiro ficou ultimada a redação do texto conjunto e se deu cópia mimeografada a todos os membros das comissões pré-capitulares.

Os critérios de elaboração foram sugeridos quase unanimemente pelos CIE. Tomando como base os votos que formularam, a comissão se esforçou por propor modalidades que fizessem com que a formulação derivasse da prática da vida salesiana. Procurou ainda harmonizar elementos que formassem para a unidade de espírito com elementos que deixassem às Inspetorias possibilidade de formarem para as necessárias diversificações requeridas pela pastoral dos lugares.

4 — A *segunda comissão* pôde acabar o reexame dos primeiros CIE e a radiografia dos segundos, só lá pelo fim de janeiro. Deu muito trabalho a larga contribuição de estudo relativa à comunidade salesiana orante e apostólica.

Nos primeiros dias de fevereiro fixou os próprios critérios para a elaboração dos esquemas. Escolheu como ponto de apoio não uma teorização que se aplicasse depois, mas a problemática existencial antropológica, i. é., as exigências do salesiano de hoje como homem e como membro de uma comunidade.

Só pela metade de fevereiro é que pôde completar a discussão dos trabalhos elaborados dentro da comissão. Pelo dia 21 começou a distribuir os próprios “esquemas” mimeografados a todos os membros das comissões pré-capitulares.

5 — A *primeira comissão* desde os primeiros dias de janeiro pôde trabalhar conjuntamente com a quinta comissão. Dentre a multidão de temas vistos pelos CIE selecionou os que julgou de importância capital para a renovação da Congregação, como:

- a) o carisma dos Salesianos de Dom Bosco;
- b) a sua missão;
- c) o espírito salesiano;
- d) a família salesiana, i. é., indivíduos comprometidos a realizar hoje a missão de Dom Bosco;
- e) a “forma” própria da Congregação Salesiana;
- f) o oratório de Dom Bosco como critério da renovação da atividade salesiana;
- g) a ação pastoral salesiana;
- h) as escolas;
- i) as paróquias;
- j) a ação missionária;
- l) formar os meios de comunicação social.

O trabalho se tornou complexo e penoso. Temíamos não conseguir, para o tempo marcado, a elaboração completa de todos os textos. Decidimos então dividir-nos em dois grupos: o primeiro discutiria

e levaria a termo os temas gerais; o segundo se ocuparia das atividades salesianas.

Trabalhando com intensidade os membros das comissões primeira e quinta puderam apresentar, entre 21 e 26 de fevereiro, os textos elaborados e aprovados pelas duas subcomissões.

#### **IV -- Fase conclusiva.**

As comissões pré-capitulares já estão procurando aproveitar da maneira mais proveitosa para o capítulo geral os dias de que ainda dispunham, com encontros mais reduzidos, conversações, controle recíprocos dos documentos, observações e “modos” substitutivos, acréscimos, anotações de dados úteis a qualquer comissão que fôsse.

#### **V — Vida de família salesiana entre os membros das comissões.**

Na Vila Tusculana com a maior espontaneidade nos sentimentos uns a serviço dos outros. Quem tinha um pouco de tempo disponível sabia encontrar logo quem necessitasse de ajuda na pesquisa de fontes, na descoberta de documentação ou no trabalho de datilografia.

A oração uniu-nos todos. A “boa-noite” dada, por turno, pelos membros da comissão, dava informação sobre a condição de inspetorias dos diversos continentes.

Era palpável o desejo de dar contribuição válida para a renovação; dominava a vontade de descartar o que pudesse ser só uma mão de verniz sobre o antiquado. Tinham-se os olhares voltados para os germes da tradição viva; escutava-se a voz da Congregação de hoje, tendo presente a contribuição da nova geração.

O Reitor Mor veio a Frascati, numa tarde, para uma breve visita. Encontrou uma comunidade salesiana cheia de vida, laboriosa, transparente, concorde, alegre, concentrada, atenta para recolher uma palavra que fôsse, significativa para a profunda renovação à qual, segundo os desígnios da Providência, tínhamos podido dar nossa alegre Contribuição.

Já vão chegando ao fim, na Vila Tusculana, os trabalhos, que, em tempo, devemos encaminhar aos membros do Capítulo Geral, trabalhos que serão instrumentos elaborados precisamente para eles.



Nos membros das comissões pré-capitulares há uma persuasão que é a de termos prestado o serviço que a Congregação nos pedira e de o termos feito com total dedicação.

Voltaremos às nossas casas levando na alma a sugestão de São Paulo: “alli seminant, alli metent”, com a esperança de que “Deus autem incrementum dat”.

Seguem-se as assinaturas dos

Membros das Comissões Pré-Capitulares.



## IV. COMUNICAÇÕES

---

### **1. Ereção das “Voluntárias de Dom Bosco” como Instituto Secular.**

A Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, com rescrito de 5 de dezembro de 1970, endereçado ao Arcebispo de Turim, S. Emcia. Dom Miguel Cardeal Pellegrino, concedeu o “nada obsta” para a ereção da Associação das Voluntárias de Dom Bosco, como Instituto Secular. (O texto do Rescrito é transcrito na Rubrica “Documentos”).

### **2. Comprazimento do Santo Padre pela carta do Reitor-Mor sôbre o subdesenvolvimento.**

O Card. Villot, Secretário de Estado de S. S. Paulo VI comunicou ao Reitor-Mor o comprazimento do Santo Padre pela carta sôbre o subdesenvolvimento, dirigida pelo Reitor-Mor à Congregação Salesiana. (O texto da carta do Card. Villot é transcrito na rubrica “Documentos”).

### **3. Nôvo Bispo Salesiano.**

O Santo Padre promoveu à Igreja titular episcopal de Orea o Revmo. Sr. Pe. Mário Picchi, destinando-o como auxiliar de S. Excia. Revma. Dom Eugênio Santiago Peyrou, bispo de Comodoro Rivadavia (Argentina).

### **4. Nomeação de Inspetor.**

O P. Tomás Panakazham foi nomeado inspetor da Inspetoria de Madras (Índia).

## 5. Solidariedade fraterna.

Publicamos a quinta lista da solidariedade fraterna, compreendendo as ofertas que chegaram desde novembro até o dia 10 de fevereiro. Em seguida damos, como temos feito, a lista das obras a que foram destinadas as quantias enviadas.

As quantias que nos chegaram diretamente de alguma casa, ou pessoa, foram englobadas nas respectivas Inspetorias.

Em todo caso foram sempre respeitadas as destinações indicadas pelos doadores.

*Inspetorias das quais nos chegaram as ofertas:*

### ITÁLIA

|                       |    |         |
|-----------------------|----|---------|
| Lígre                 | L. | 100.000 |
| Romana                | L. | 221.050 |
| Subalpina             | L. | 350.000 |
| Veneziana (S. Marcos) | L. | 160.000 |

### AMÉRICA

|                                                      |    |            |
|------------------------------------------------------|----|------------|
| Brasil (São Paulo)                                   | L. | 3.150.000  |
| Argentina (Buenos Aires)                             | L. | 300.000    |
| América Central                                      | L. | 625.000    |
| Estados Unidos (New Rochelle)                        | L. | 310.000    |
| Através da Procuradoria Missionária de New Rochelle  | L. | 3.325.000  |
| <hr/>                                                |    |            |
| Total recebido de novembro a 10 de fevereiro de 1971 | L. | 8.441.050  |
| Saldo anterior                                       | L. | 3.849.677  |
| <hr/>                                                |    |            |
| Quantia disponível em 10-02-1971                     | L. | 12.290.727 |
| <hr/> <hr/>                                          |    |            |

*Destinação das quantias recebidas:*

**AMÉRICA**

|                                                                                                     |    |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-----------|
| Antilhas — Haiti: Compra de terreno cultivável para a “Maison populaire d’Éducation” de Cap-Haitien | L. | 1.000.000 |
| Argentina — Construção de salas de aula da escola paroquial de Ushuaia                              | L. | 500.000   |
| Brasil — Campo Grande — Segundo donativo para a instalação da Rádio                                 | L. | 3.150.000 |
| Brasil — ao Pe. Giaccaria para a publicação de Enciclopédia Xavantes                                | L. | 1.750.000 |
| Bolívia — para a construção do aspirantado de La Paz — Calacato                                     | L. | 1.000.000 |
| Equador — Cuenca — bolsas de estudo para clérigos estudantes na Europa                              | L. | 2.000.000 |

**ÁSIA**

|                                                                           |    |           |
|---------------------------------------------------------------------------|----|-----------|
| Vietnã — para a construção do estudantado filosófico de Tram-hanh (Dalat) | L. | 1.000.000 |
| Birmânia                                                                  | L. | 500.000   |
| Índia e Paquistão                                                         | L. | 300.000   |

**ÁFRICA**

|                                                            |    |         |
|------------------------------------------------------------|----|---------|
| Congo — para o Centro de Habilitação Agrícola de Kansebuba | L. | 600.000 |
|------------------------------------------------------------|----|---------|

**EUROPA**

|                                   |    |            |
|-----------------------------------|----|------------|
| Para as nações da Europa Oriental | L. | 450.000    |
| Total                             | L. | 12.250.000 |
| Saldo                             | L. | 40.727     |
| Total                             | L. | 12.290.727 |

Movimento geral da “solidariedade fraterna”  
até o dia 10-2-1971:

|                                 |                  |
|---------------------------------|------------------|
| Total das quantias recebidas    | L. 108.637.047   |
| Total das quantias distribuidas | L. 108.596.320   |
| Quantia restante                | <u>L. 40.727</u> |

## V. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

---

Os Conselheiros Regionais durante os últimos três meses de 1970 completaram a última visita às Inspetorias que lhes foram confiadas, antes do Capítulo Geral Especial.

O Sr. P. Castillo visitou as Inspetorias Argentinas de Rosário e de La Plata; o Sr. P. Garnero, as Inspetorias Brasileiras de Recife e de Campo Grande; o Sr. P. Giovannini, a Inspetoria Central; o Sr. P. Ter Schure, a Inspetoria Austríaca; encontrou-se também rapidamente com Salesianos da Checoslováquia, da Hungria e da Jugoslávia; o Sr. P. Tohill visitou a Inspetoria de Bombaim.

Além disso, os Conselheiros Regionais fizeram várias reuniões com os Inspetores e com as Conferências Inspetoriais; presidiram ainda encontros de Salesianos sobre problemas particulares da vida religiosa e do nosso apostolado.

O Reitor Mor, ficou quase sempre em Turim durante estes meses, preparando o Capítulo Geral. No mês de dezembro participou de um encontro, que durou vários dias, da "União dos Superiores Gerais", encontro em que se estudaram problemas da vida religiosa.

O Prefeito Geral, como encarregado das Missões, promoveu, de 28 a 30 de outubro, uma reunião dos Salesianos encarregados das Procuradorias Missionárias Salesianas da Alemanha, Estados Unidos, França, Bélgica, Holanda, Espanha, Suíça, para estudar uma organização mais eficiente dessas mesmas Procuradorias e para melhor angariar auxílios em favor das nossas Missões.

O Sr. P. Bellido e o Sr. P. Pianazzi visitaram várias Casas de formação, especialmente na Itália; o Sr. P. Pilla acompanhou os trabalhos da nova Casa Generalícia, em Roma, para assegurar possa ser usada no próximo Capítulo Geral Especial.

O Sr. P. Scrivo presidiu o trabalho das Comissões encarregadas de redigirem os relatórios para o próximo Capítulo Geral Especial. Cuidou ainda da organização do mesmo Capítulo Geral. O Sr. P. Fiora presidiu várias Reuniões de Diretores e Delegados, da Itália, em vista de um *aggiornamento* com relação aos Cooperadores Salesianos.

## VI. DOCUMENTOS

---

1. **Rescrito da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, para a ereção da Associação das Voluntárias de Dom Bosco, como Instituto Secular.**

SACRA CONGREGATIO  
PRO RELIGIOSIS  
ET INSTITUTIS SAECULARIBUS

Romae, die 5 Decembris 1970

Prot. N. I.S. 285

Em.me ac Rev.me Domine,

Sacra Congregatio pro Religiosis et Institutis saecularibus, mature perpensis omnibus expositis circa canonicam associationis vulgo dictae "Volontarie di Don Bosco" erectionem in Institutum saeculare iuris dioecessani, dum suscipit vota, ut novum perfectionis evangelicae virgultum magis in dies crescat et floreat, quae sequuntur rescribit:

1) Nihil obstat, quominus, iuxta Constitutionem Apostolicam "Provida Mater Ecclesia", ipse ad canonicam dictae associationis erectionem in Institutum saeculare iuris dioecessani procedere valeas.

2) Erectione rite peracta, omnes sodales consecrationem seu professionem in associatione emissam propere renovent ratione temporis praecedentis professionis ad omnes effectos canonicos habita.

3) Singuli Coetus ad associationem iam pertinentes per canonicam erectionem Instituti ipsius membra evadunt.

4) Bona temporalia, quae Institutum prossidet forma iure civili valida quamprimum in tuto collocentur.

Editi a Te decreti erectionis ad hanc Sacram Congregationem exemplar una cum Constitutionum textu iuxta animadversiones emendato transmittere velis.

Quae dum Tecum communico, meam in Te observantiam profiteor ac libenter permaneo.

Eminentiae Tuae Reverendissimae  
addictissimus in Domino  
J. Card. Antoniutti  
prae.

E. Heston, c. s. c.  
Secr.

---

Em.mo ac Rev.mo Domino  
Card. Michaeli Pellegrino  
Archiepiscopo Taurinensi  
Augustam Taurinorum

**2. Carta do Card. Villot, que manifesta o comprazimento de Paulo VI pela carta do Reitor Mor sôbre o subdesenvolvimento.**

Secretaria de Estado  
N.º 171591

Vaticano, 3 de dezembro de 1970

Reverendíssimo Senhor

Chegaram a esta Secretaria de Estado os II Atos do Conselho Superior da Sociedade Salesiana, (julho de 1970 — n. 261) que contêm, no



texto integral, a carta enviada por V. Sa. a todos os membros da Congregação e que a Imprensa Católica, a seu tempo pôs em relêvo.

Tenho o prazer de informá-lo que o Santo Padre tomou atento conhecimento da mencionada carta, a qual, numa exposição serena e aderente à realidade, indica claramente as linhas de comportamento da Família Salesiana face ao “subdesenvolvimento”, à luz dos ensinamentos de Dom Bosco, ainda agora sumamente adequados para afrontar os problemas hodiernos, com o sentido prático da caridade a qual, mais do que com palavras, se torna realizadora do bem, em prol sobretudo dos irmãos mais pobres e necessitados.

Traçando êsse programa de ação para os seus filhos, V. Sa. soube também apontar, com crítica sincera, as falhas que talvez se tenham verificado na multiforme atividade do Instituto, exortando seus membros a um empenho mais radical e aderente à vocação específica, traçada pelo Santo Fundador.

Expressando o Seu vivo aprêço, o Sumo Pontífice deseja encorajar tôdas as iniciativas, e esforços que a benemérita Congregação vai assumir nesse nôvo e importante campo de apostolado, ao mesmo tempo que de coração lhe dá, como penhor de assistência celeste, a Sua auspiciosa Bênção Apostólica.

Aproveito a ocasião para me professar com sentimentos de distinta e religiosa benevolência

De V. Sa. Revma.

Devmo. em N. S.,  
G. Card. Villot

---

Revmo. Sr.

P. Luís Ricceri

Reitor-Mor dos Salesianos

Turim

## VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

---

### 1. Exortação apostólica por ocasião do quinto aniversário do encerramento do II Concílio Ecumênico do Vaticano

Amadíssimos Irmãos:

Cinco anos se passaram já, desde que, após as intensas sessões de trabalhos vividas na oração, no estudo e na comunicação fraterna, os Bispos do mundo inteiro reentravam nas próprias dioceses, decididos “a envidar todos os esforços para que nada venha a deter este grande caudal de graças celestiais que, hoje, alegra a Cidade de Deus e para que não venha a ser refreado este impulso vital que a Igreja conhece neste momento”.

Dando graças a Deus, pela obra levada a cabo, cada um partia do Concílio enriquecido com a experiência vivida da colegialidade, com entre mãos os textos doutriniais e pastorais, laboriosamente coordenados e atualizados, e, ainda, com riquezas espirituais para compartilhar com os padres, nossos colaboradores no sacerdócio, com os religiosos e com todos os membros do Povo de Deus; e, enfim, com os referidos textos, de posse de guias seguros, para o anúncio da Palavra de Deus no nosso tempo e para a renovação interior das comunidades eclesiais.

E este fervor não decresceu ainda. Cada um, no lugar em que o “Espírito Santo o colocou, para pastorear a Igreja de Deus”, e todos em conjunto, de múltiplas maneiras, mas particularmente nas Conferências Episcopais e nos Sínodos de Bispos, os sucessores dos Apóstolos têm-se prodigalizado, sem reservas, para traduzir na vida da Igreja os ensinamentos e as diretivas conciliares. Conforme o voto que exprimíamos na Nossa primeira Encíclica “*Ecclesiam Suam*”, o Concílio aprofundou de fato a consciência que a Igreja tinha de si mesma. Ele assestou sob uma luz mais viva as exigências da missão apostólica, no mundo dos nossos dias. Ele ajudou-a a comprometer-se no diálogo da salvação, com um espírito autenticamente ecumênico e missionário.

I

Entretanto, não é Nossa intenção, hoje, tentar fazer um balanço daquilo que se procurou ensalar, das iniciativas e das reformas que se multiplicaram, a partir do fim do Concílio para cá. Com ânimo atento para descobrir os sinais dos tempos, quereríamos, em espírito fraterno e simultâneamente convosco, fazer um exame de consciência acêrca da nossa fidelidade ao compromisso que tomávamos à entrada no Concílio, na nossa Mensagem a todos os homens: “Procuraremos apresentar aos homens do nosso tempo, íntegra e pura, a verdade de Deus, de tal maneira que êles a possam entender e a ela aderir de boa vontade”.

Este mesmo compromisso era ainda precisado, mais tarde, sem margem para equívocos, pela Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”, verdadeira carta magna conciliar acêrca da presença da Igreja no mundo: “Partilhando das angústias do nosso tempo, a Igreja de Cristo... não deixa de esperar firmemente. O que ela quer é apresentar, uma e muitas vêzes, oportuna e importunamente, ao nosso tempo, a mensagem que lhe vem dos Apóstolos...”.

É certo que os Pastores tiveram sempre um tal dever, de transmitir a fé, na sua plenitude e de maneira adaptada, aos seus contemporâneos. Ou seja: o dever de se esforçarem por empregar uma linguagem que lhes fôsse facilmente acessível; de responderem aos seus problemas; de suscitarem o seu interesse; e, enfim, de os ajudarem a descobrir, através das pobres palavras humanas, tôda a mensagem da salvação que Jesus Cristo nos veio trazer. É realmente o Colégio Episcopal que, juntamente com Pedro e sob a sua autoridade, garante a transmissão autêntica do depósito revelador e que recebeu, precisamente para isso, segundo a expressão de S. Ireneu, “um carisma certo de verdade”. Depois, é a fidelidade do seu testemunho, arraigado na Santa Tradição e na Sagrada Escritura e alimentado na vida eclesial de todo o Povo de Deus, aquillo que, com a assistência indefectível do Espírito Santo, permite à Igreja o ensinar sem desfalecimento a Palavra de Deus e o explicitá-la progressivamente.

Entretanto, as presentes condições da fé exigem, da parte de todos nós, um esforço maior do que noutras épocas, para que esta Palavra chegue aos nossos contemporâneos na sua plenitude e para que as obras realizadas por Deus lhes sejam apresentadas sem adulteração e com tôda a intensidade do amor da verdade que os salve. Com efeito, precisamente numa altura em que a proclamação da Palavra de Deus na Liturgia, graças ao Concílio, está a ter uma renovação admirável; em que o frequentar a Bíblia é uso que se difunde cada

vez mais entre o povo cristão; em que os progressos da catequese, quando êles são procurados em continuidade com as orientações conciliares, permitem uma evangelização em profundidade; em que a investigação bíblica, patristica e teológica, traz com frequência uma contribuição preciosa para a expressão viva dos dados revelados: nesta altura, exatamente, eis que muitos fiéis se sentem perturbados na sua fé, por um acumular-se de ambiguidades, de incertezas e de dúvidas, que atingem essa mesma fé no que ela tem de essencial. Estão neste caso os dogmas trinitário e cristológico, o mistério da Eucaristia e da presença real, a Igreja como instituição de salvação, o mistério sacerdotal no selo do Povo de Deus, o valor da oração e dos sacramentos, as exigências morais que dimanam, por exemplo, da indissolubilidade do matrimônio ou do respeito pela vida. Mais: até a própria autoridade divina da Escritura chega a ser posta em dúvida, em nome de uma “desmitização” radical.

Assim, ao mesmo tempo que o silêncio cai, pouco a pouco, sobre certos mistérios fundamentais do Cristianismo, nós vemos manifestar-se uma tendência para reconstruir, a partir de dados psicológicos e sociológicos, um cristianismo truncado da Tradição ininterrupta que o liga à fé dos Apóstolos; e, além disso, para autorizar uma vida cristã destituída de elementos religiosos.

Diante disto, todos nós, os que recebemos, pela imposição das mãos, a responsabilidade de guardar puro e intato o depósito da fé e a missão de anunciar o Evangelho sem desleixo, somos chamados a testemunhar a nossa comum obediência ao Senhor. Subsiste para o povo confiado aos nossos cuidados o direito imprescindível e sagrado a receber a Palavra de Deus, tôda a Palavra de Deus, da qual a Igreja não cessou ainda de alcançar uma compreensão mais profunda. Para nós, portanto, existe o dever, grave e urgente, de a anunciar infatigavelmente, a fim de que êsse mesmo povo cresça na fé e na inteligência da mensagem cristã e testemunhe, com a sua vida tôda, a salvação de Jesus Cristo.

O Concílio quis recordar-no-lo, de modo veemente: “De entre os deveres principais dos Bispos, sobressai a pregação do Evangelho. Os Bispos são, efetivamente, os arautos da fé, que conduzem a Cristo novos discípulos, e os doutores autênticos, isto é, investidos na autoridade do mesmo Cristo, que ao povo a êles confiado pregam uma fé para ser crida e aplicada na vida prática; êles ilustram-na, à luz do Espírito Santo, tirando do tesouro da Revelação coisas antigas e novas e fazem-na frutificar, ao mesmo tempo que afastam com cuidado os erros que ameaçam a sua grei. Quando ensinam em comunhão com o Romano Pontífice, os Bispos devem ser considerados por todos como

testemunhas da verdade divina e católica; e os fiéis devem conformar-se com o juízo que o seu Bispo dá, em nome de Cristo, nas coisas de fé e de costumes, e aderir a êle com religioso acatamento”.

É certo que a fé permanece sempre um assentimento dado por causa da autoridade do próprio Deus. Mas, entretanto, o magistério dos Bispos consistiu para o crente o incativo e o canal que lhe permite receber e reconhecer a Palavra de Deus. Cada Bispo, na sua diocese, é solidário com todo o Colégio Episcopal, ao qual foi confiado, em continuação do Colégio Apostólico, o encargo de vigiar pela pureza da fé e pela unidade da Igreja.

## II

Importa que reconheçamos, sem hesitações, o seguinte: nas circunstâncias atuais, o desempenho necessário e urgente desta tarefa primordial encontra mais dificuldades do que aquelas que se terão verificado no decorrer dos séculos passados.

Com efeito, se em tempos mais recuados o exercício do magistério episcopal estava relativamente facilitado, numa altura em que a Igreja vivia em estreita simbiose com a sociedade do seu tempo, inspirava a sua cultura e adotava os seus modos de exprimir-se, hoje, ao invés, é-nos exigido um esforço sério para que a doutrina da fé conserve a plenitude do seu sentido e do seu alcance, ao expressar-se sob uma forma capaz de atingir o espírito e o coração de todos os homens, aos quais ela se dirige.

Ninguém melhor do que o Nosso Predecessor João XXIII frisou o dever que sobre nós incumbe, a respeito disto mesmo, quando no Discurso de Abertura das assembléias conciliares, dizia: “Impõe-se que, correspondendo ao vivo anseio daqueles que se acham em atitude de sincera adesão a tudo o que é cristão, católico e apostólico, esta doutrina seja mais ampla e profundamente conhecida e que as almas sejam por ela impregnadas e transformadas. É necessário que esta doutrina, certa e imutável e que tem de ser respeitada fielmente, seja aprofundada e apresentada de maneira a satisfazer as exigências da nossa época. Uma coisa é efetivamente o depósito da fé — *depositum fidei* — em si mesmo, quer dizer, o conjunto das verdades contidas na nossa venerável doutrina, outra coisa é a forma sob a qual tais verdades são enunciadas, conservando-lhes sempre o mesmo sentido e o mesmo alcance. É forçoso, pois, dar muita importância a esta formulação da doutrina e trabalhar, pacientemente se fôr neces-

sário, na sua elaboração: deve recorrer-se a uma maneira de a apresentar que corresponda melhor a um ensinamento de caráter prevalentemente pastoral”.

Perante a crise atual da linguagem e do pensamento, incumbe a cada um dos Bispos na sua diocese, a cada um dos Sinodos e a cada uma das Conferências Episcopais, estarem atentos, para que um tal esforço necessário não venha a atraí-lo nunca a verdade e a continuidade da doutrina da fé. Precisamos de estar vigilantes, principalmente, para que uma escolha arbitrária não restrinja, à limitação das nossas vistas humanas, os designios de Deus e não circunscreva àquilo que os nossos ouvidos gostam de escutar o anúncio da sua Palavra, excluindo, dêste modo, segundo critérios puramente naturais, o que porventura não se coaduna com o gosto da moda: “Se alguém, previne-nos o Apóstolo S. Paulo, vos anunciasse um Evangelho diferente daquele que vos anunciamos — ainda que fôssemos nós próprios ou um anjo do céu — que êle seja rejeitado”.

Não somos nós, com efeito, que julgamos a Palavra de Deus; é ela que nos julga e que põe em evidência os nossos conformismos mundanos. “A fraqueza e possível defecção dos cristãos, ou mesmo a daqueles que têm a função de pregar, não será jamais, na Igreja, um motivo para atenuar o caráter absoluto da Palavra. O gume da espada não poderá nunca embotar-se por isso. Ela, a Igreja, nunca poderá falar de modo diverso do de Cristo, da santidade, da virgindade, da pobreza e da obediência”.

Recordemos, sòmente de passagem, isto: os inquéritos sociológicos são-nos úteis, para descobrirmos melhor a mentalidade ambiente, as preocupações e as necessidades daqueles aos quais nós anunciamos a Palavra de Deus e, de igual modo, as resistências que a razão moderna lhe opõe, com o sentimento largamente difundido de que, fora da ciência, não existiria nenhuma outra forma legítima de saber. Mas as conclusões de tais inquéritos não poderiam constituir por si mesmas um critério determinante de verdade.

Não podemos, entretanto, ignorar os problemas que, por outro lado, encontra hoje um crente, legitimamente preocupado em progredir na inteligência da sua fé. Precisamos de atender a êstes problemas, não para suspeitar do seu verdadeiro fundamento, nem para negar as exigências que êles podem comportar; mas sim, para reconhecer o direito das justas insistências que êles fazem, naquele plano que é o nosso próprio: o da fé.

Isto tem cabimento pelo que respeita às grandes questões que se põem ao homem moderno, acêrca das suas próprias origens, acêrca

do sentido da vida, acêrca da felicidade a que êle aspira e, ainda, acêrca do destino da família humana. Mas, não tem menor cabimento também, pelo que se refere às questões levantadas hoje em dia pelos homens de ciência, pelos historiadores, pelos psicólogos e pelos sociólogos, e que constituem para nós um estímulo, para passarmos a anunciar melhor ainda, na sua transcendência incarnada, a Boa-Nova de Cristo Salvador — uma Nova que não contradiz minimamente as descobertas do espírito humano, mas que antes o eleva ao plano das realidades divinas, até ao ponto de o fazer participar, embora de uma maneira ainda balbuciante e incoativa, mas não obstante muito real, daquele mistério de amor, de que o Apóstolo diz que “ultrapassa qualquer conhecimento”.

Aqueles que, na Igreja, assumem a tarefa delicada de aprofundar as insondáveis riquezas dêste mistério — teólogos e exegetas, em particular — nós exprimiremos o nosso encorajamento e daremos o nosso apoio, que os ajudarão a prosseguir o seu trabalho na fidelidade à grande corrente da Tradição cristã.

Foi dito ainda há pouco e com muita justeza: “A Teologia, como ciência da fé, não pode encontrar a sua norma senão na Igreja, comunidade dos crentes. Quando a Teologia renega os seus pressupostos e entende de outro a sua própria norma, perde o seu fundamento e o seu objeto. A liberdade religiosa, afirmada pelo Concílio, que se apoia sôbre a liberdade de consciência, serve para a decisão pessoal perante a fé; mas ela não tem nada que intervir quando se trata de determinar o conteúdo e o alcance da Revelação. De modo semelhante, a utilização das ciências humanas nos trabalhos de hermenêutica é um modo de investigação dos dados revelados; êstes porém não podem ser reduzidos aos resultados das suas análises, por isso mesmo que os transcendem, tanto pela sua origem como pelo seu conteúdo.

Depois de um Concílio que foi preparado com as melhores aquisições do saber bíblico e teológico, resta ainda por fazer um trabalho considerável, particularmente pelo que diz respeito a aprofundar a Teologia da Igreja e a elaborar uma Antropologia Cristã, que estejam ao nível do desenvolvimento das ciências humanas e dos problemas que elas põem à inteligência do crente. Quem de entre nós não reconhece, ao mesmo tempo que a importância dêste trabalho, as suas exigências próprias e não compreende o seu inevitável tatear? No entanto, em face dos danos que causa, hoje, entre o povo cristão, a divulgação de hipóteses aventureiras ou de opiniões perturbadoras da fé, nós temos o dever de recordar, ainda com o Concílio, que a

verdadeira Teologia “se apola sôbre a Palavra de Deus escrita, inseparável da Sagrada Tradição, como sôbre um fundamento perene”.

Não nos deixemos, pois, reduzir ao silêncio, amadíssimos Irmãos, pelo recelo de críticas, sempre possíveis e, algumas vêzes, fundadas. Por mais necessária que se apresente a função da Teologia, não foi aos sábios que Deus confiou a missão de interpretar autenticamente a fé da Igreja: ela está inserida e marca a vida de um Povo, do qual os Bispos têm a responsabilidade diante de Deus. É a eles que compete dizer a êste Povo o que é que Deus lhe exige que êle acredite.

Isto, obviamente, requer de todos e cada um de nós muita coragem, porque, se bem que ajudados pelo exercício comunitário desta responsabilidade — o que se verifica nos Sinodos de Bispos e nas Conferências Episcopais, principalmente — trata-se, contudo, de uma responsabilidade pessoal também, absolutamente inalienável, para corresponder às necessidades imediatas e quotidianas do Povo de Deus. Não é o momento de nos limitarmos a interrogar-nos, como alguns quereriam insinuar, se é verdadeiramente útil, oportuno e necessário falar; a hora é, ao invés, de procurarmos lançar mão dos meios para nos fazermos entender. É para nós, Bispos efetivamente, aquela exortação dirigida por S. Paulo a Timóteo: “Conjuro-te diante de Deus e de Jesus Cristo, que há-de julgar os vivos e os mortos, e em nome da sua aparição e do seu reino: prega a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, ameaça, exorta, mas sempre com paciência, e não cesses de instruir. Porque virá tempo em que os homens já não suportarão a sã doutrina da salvação. Tendo nos ouvidos o prurido de ouvir novidades, escolherão para si, ao capricho das suas paixões, uma multidão de mestres. Apartarão os ouvidos da verdade e voltar-se-ão para as fábulas. Tu, porém, sê vigilante em tudo e sempre e mostra-te paciente nos sofrimentos. Faze obra de um pregador do Evangelho e consagra-te ao teu ministério”.

### III

Que cada um de nós se examine, portanto, amadíssimos Irmãos, acêrca da maneira como tem cumprido êste dever sagrado: êle exige de nós um recurso freqüente e assíduo à Palavra revelada e uma atenção constante à vida dos homens.

E, como poderíamos nós, na realidade, anunciar com fruto a Palavra de Deus, se ela não nos fôsse familiar, porque quotidiana-



mente meditada e objeto de oração? E, por outro lado, como poderia ela ser recebida, se não fôsse acompanhada de uma vida de fé profunda, de caridade efetiva, de total obediência, de oração fervorosa e de humilde penitência? Sim: depois de termos insistido, até agora, como se Nos impunha, sobre o ensino da doutrina da fé, é forçoso que acrescentemos: aquilo que, muitas vêzes, é mais necessário, não é tanto um multiplicar de palavras, mas sim um acompanhar a Palavra de uma vida mais em consonância com o Evangelho. É de fato assim: o mundo tem necessidade do testemunho dos santos, porque, recorda-nos ainda o Concílio, “neles é Deus quem nos fala e nos mostra um sinal do seu Reino, para o qual somos fortemente atraídos...”.

Estejamos atentos ao problemas que, através da vida dos homens, principalmente dos jovens, vêm ao de cima: “Se um filho pedir um pão, qual o pai, de entre vós, lhe dará uma pedra?”. Saibamos acolher de bom grado as interpelações que vêm perturbar a nossa pacífica quietude. Procuremos ser pacientes, perante as perplexidades daqueles que procuram a luz, como às apalpadelas. Esforcemo-nos por caminhar fraternalmente com todos aqueles que, privados daquela luz de que nós podemos beneficiar, através da nebulosidade da dúvida tendem, não obstante, a alcançar a casa paterna. E, se nós próprios comungamos as suas ansiedades, que isso seja para fazer tudo o que está na nossa mão para as curar. Se lhe apresentamos Cristo Jesus, que êste seja sempre o Filho de Deus feito homem, para nos salvar e nos fazer participar da sua vida; e nunca uma figura simplesmente humana, por mais maravilhosa e atraente que ela nos possa parecer.

Nesta fidelidade a Deus e aos homens a quem Êle nos envia, nós poderemos então operar, com prudência e delicadeza, e, também, com clarividência e firmeza, os indispensáveis discernimentos. Está nisto, sem dúvida, uma das tarefas mais difíceis, mas, ao mesmo tempo, também das mais necessárias nos dias de hoje, para o Episcopado. Com efeito, no choque das idéias que se contrapõem, a maior generosidade corre o risco de ser acompanhada das afirmações mais contestáveis: “Do meio de nós mesmos, como já sucedia nos tempos de S. Paulo, surgirão homens a ensinar coisas perversas para arrebatarem os discípulos atrás de si”; e os que falam assim estão por vêzes persuadidos de o fazerem em nome de Deus, iludindo-se a si próprios acêrca do espírito que os anima.

Estamos nós suficientemente atentos, para fazer êste discernimento da palavra da fé, em base aos frutos que ela produz? Poderia

acaso vir de Deus essa palavra, quando ela fizesse perder aos cristãos o sentido da renúncia evangélica, ou quando ela proclamasse a justiça esquecendo-se de anunciar a bondade, a misericórdia e a pureza, uma palavra, enfim, que levantasse irmãos contra irmãos? Jesus mesmo nos advertiu: “É pelos seus frutos que os conhecereis”.

Que a nossa exigência seja idêntica para com os colaboradores que, a nós associados, têm conosco o encargo de anunciar a Palavra de Deus. Que o seu testemunho seja sempre o do Evangelho e a sua palavra a do Verbo que suscita a fé, e, com esta, o amor dos nossos irmãos, que leve todos os discípulos de Cristo a impregnarem do seu espírito, a mentalidade, os costumes e a vida da cidade terrestre. É assim que, segundo a palavra admirável de Santo Agostinho, “mesmo pelo ministério de homens tímidos, Deus fala com toda a liberdade”.

São êstes, amadíssimos Irmãos, alguns dos pensamentos que Nos sugere o aniversário do Concílio, êsse “providencial instrumento da verdadeira renovação da Igreja”.

Ao examinarmos-Nos, assim, juntamente convosco, com a máxima simplicidade fraterna, acêrca da Nossa fidelidade a esta missão primordial de anunciar a Palavra de Deus, Nós tivemos a consciência de estar a cumprir um dever imperioso. Talvez não vá faltar quem demonstre espanto por isso, ou mesmo quem conteste tal atitude. Na serenidade da Nossa alma, tomamo-vos como testemunhas desta necessidade que Nos obriga a ser fiel ao Nosso múnus de Pastor e dêste desejo que Nos anima a lançar mão, juntamente convosco, daqueles meios que se Nos afiguram, a um tempo, os mais adaptados à nossa época e os mais conformes com os ensinamentos do Concílio, para melhor assegurar a fecundidade dêsse mesmo múnus.

Confiando-Nos, em união convosco, à doce Maternidade da Virgem Maria, imploramos, de todo o coração, sôbre as vossas pessoas e sôbre o vosso ministério pastoral, a abundância das graças d'Aquele que “pode fazer infinitamente mais do que tudo aquilo que pedimos ou entendemos, pela virtude que opera em nós: a Ele seja dada glória na Igreja e em Cristo Jesus. Amen!”

Com a Nossa afetuosa Bênção Apostólica.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, no dia 8 de Dezembro, solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, no ano de 1970, oitavo do Nosso Pontificado.

*Papa Paulo VI*

## 2. O estudo do ateísmo e o diálogo com o mundo secularizado

*Nota do secretariado para os não-crentes sôbre o estudo do ateísmo e a formação dos seminaristas para o diálogo com o mundo secularizado*

### *Introdução*

1. No vasto programa de reestruturação orgânica e global dos estudos eclesiásticos e de formação mais adequada dos candidatos ao sacerdócio, a Sagrada Congregação para a Educação Católica, na *"Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis"*, põe em particular relêvo a urgente necessidade de educar tempestivamente os jovens para o diálogo com as pessoas que não têm fé, e de fazer com que os professores e os alunos dediquem uma atenção mais ponderada ao fenômeno do progressivo aumento do ateísmo e da secularização, que se verifica no mundo contemporâneo.

2. O Secretariado para os Não-Crentes é totalmente solidário com a Sagrada Congregação para a Educação Católica, neste esforço de renovação dos estudos eclesiásticos, considerando-os perfeitamente correspondentes às exigências e às expectativas da sociedade hodierna, e concorda, sobretudo, com a parte do mencionado documento da Sagrada Congregação para a Educação Católica, que dedica uma atenção especial ao ateísmo e ao diálogo.

3. Sem entrar no campo da realização concreta dêsse programa, que é da competência exclusiva da Sagrada Congregação para a Educação Católica e das Conferências Episcopais, o Secretariado para os Não-Crentes, no entanto, julga conveniente sublinhar a importância de que se revestem, para a renovação dos estudos eclesiásticos e da formação do clero, um conhecimento mais aprofundado das formas de secularização e de ateísmo da cultura moderna, e uma preparação do clero, mais responsável, para o diálogo com as pessoas que não têm fé. Deseja ardentemente que as Comissões, instituídas pelas Conferências Episcopais para elaborarr e adaptar a *"Ratio Studiorum"* às exigências das próprias dioceses, se inspirem nas sugestões, indicadas neste documento, sôbre o estudo do ateísmo e a formação para o diálogo, avaliando, em cada caso, até que ponto estas sugestões podem ser úteis nos seus países, e, também, examinando com diligência, outros aspectos, que sendo mais conformes com as exigências das suas regiões, deveriam ser tidos em conta, na elaboração da *"Ratio Studiorum"*.

I

*Realidade do ateísmo e da secularização*

4. A este propósito, será útil considerar, primeiro que tudo, que o fenômeno da secularização e do ateísmo da sociedade, nos nossos dias, é uma realidade que se vai alastrando progressivamente, não só entre os intelectuais, mas também entre o povo.

O ateísmo, fruto de muitas e diferentes causas, torna-se cada vez mais difundido, profundo e agressivo. No mundo oriental, onde é alimentado e impôsto por ideologias políticas e sociais, atinge centenas de milhões de pessoas, conquistando, progressivamente, povos e nações. No mundo ocidental, onde as suas raízes mais virulentas nascem do neopositivismo e do pragmatismo, tornou-se uma "*forma mentis*" cada vez mais ativa e relacionada com a cultura hodierna. Nos povos em fase de desenvolvimento, à medida que atingem o nível de cultura dos povos desenvolvidos, parece que está a surgir com tanta intensidade como nos povos ocidentais e orientais.

5. O ateísmo e a secularização fermentam, potencialmente, em toda a humanidade, sem excluir a parte que se considera, mais específica e tradicionalmente, cristã e crente.

A realidade deste fenômeno já não pode ser ignorada. O II Concílio Ecumênico do Vaticano referiu-se a ela, indicando as suas causas, a variedade das suas formas e os remédios que podem ser adotados para salvaguardar a fé e a cultura cristãs. E todos os documentos pontifícios e eclesiásticos, que seguiram esse grande acontecimento, não deixaram de se referir constantemente a êle, para chamar a atenção de todos sobre a incidência que o ateísmo e a secularização têm no futuro da humanidade inteira.

II

*Urgência de uma informação adequada sobre esta realidade*

6. Se estas considerações, como parece, são verdadeiras, os candidatos ao sacerdócio devem ser postos em condições de conhecer plenamente esta realidade; a fim de estarem preparados para enfren-

tar as exigências de um mundo que, embora se afaste cada vez mais de Deus, no entanto, se mostra sedento do mesmo Deus.

Não se pode determinar, de uma vez para sempre e de um modo igual para todos, o modo como esta preparação dos candidatos ao sacerdócio deverá ser realizada. Os tipos de secularização e de ateísmo variam, de um povo para o outro, de cultura para cultura e de uma época para a outra. Portanto, a metodologia a adotar, para predispor os meios adequados a enfrentar este fenômeno e a preparar o clero para as tarefas específicas que o esperam no mundo contemporâneo, deverá ser diferente.

Quem está destinado a trabalhar num mundo culturalmente subdesenvolvido não tem necessidade do mesmo tipo de informação que é requerido por quem deve exercer a sua atividade no mundo operário ou no mundo, culturalmente elevado, dos universitários. Mas, em ambos os casos, todos devem conhecer as instâncias e as interrogações que fermentam no espírito das pessoas a quem se dirigem.

7. Compete às Conferências Episcopais e aos Órgãos destinados ao ensino orientar e predispor os programas de estudo, segundo as várias exigências das regiões culturais e das comunidades em que trabalham. Aos mencionados Órgãos também compete determinar, segundo as diversas circunstâncias, se a reflexão sobre o ateísmo, o estudo do mesmo e a secularização devem constituir matéria de cursos especiais ou, apenas, ser incluídos nos cursos ordinários de história, filosofia e teologia.

Em todo o caso, o candidato ao sacerdócio deve adquirir plena consciência da gravidade do fenômeno e ser preparado convenientemente para compreender as razões que parecem impelir a humanidade a um ateísmo cada vez mais profundo, de modo a não se encontrar inerte perante esta realidade e poder, pelo contrário, contribuir para a purificação e a afirmação da fé cristã no mundo.

Sob este ponto de vista, tanto os cursos especializados sobre o ateísmo e a secularização, como o estudo destes temas nas várias disciplinas do currículo anual, podem ser eficazes ou ineficazes. Tudo depende do empenho que os professores e os alunos dedicam a este assunto, e da correspondência que os cursos especializados e os não especializados têm com as exigências e a realidade humana, dentro da qual o candidato ao sacerdócio deverá viver e trabalhar. Em última análise, será sempre a sensibilidade dos professores, mais do que uma programação específica ou genérica, que determinará o bom

ou o mau êxito da preparação, adequada às necessidades dos tempos, que hoje é exigida para os aspirantes ao sacerdócio.

8. Também se poderia dizer que o problema do estudo especializado ou não especializado do ateísmo e da secularização é de importância secundária. O verdadeiro problema consiste em criar uma nova mentalidade e de fazer com que os professores e os alunos adquiram uma consciência mais viva desta realidade humana tão vasta, que se torna cada vez mais propensa ao ateísmo e à secularização. É necessária uma formação humanística mais adequada aos novos tempos, que seja capaz de aproximar o sacerdote do homem moderno que, como tal, encontra dificuldades cada vez mais graves em aceitar a fé.

Neste ponto, vem muito a propósito uma consideração. Tem-se a impressão que, depois do Concílio, pelo menos nalgumas regiões, se está a difundir a tendência de reduzir a formação filosófica dos candidatos ao sacerdócio, para que se possam dedicar mais demorada e profundamente ao estudo da teologia e à investigação pessoal. Esta tendência parece muito perigosa. A formação dos aspirantes ao sacerdócio, organizada segundo este critério, poderá levar à consequências de os futuros sacerdotes serem capazes de dialogar com os crentes dissidentes, sobretudo com os protestantes, mas encontrar-se inermes no diálogo com o homem moderno sem fé.

Não se deve, portanto, reduzir a formação filosófica dos candidatos ao sacerdócio, mas, sim, procurar que os programas e o ensino da filosofia tenham como ponto central o homem e o seu problema fundamental, ou seja, a sua abertura ao Transcendente. Esta deveria ser a temática principal dos estudos filosóficos do futuro sacerdote: o homem (antropologia filosófica) e as dimensões da existência humana, em que aparecem os sinais indicativos da transcendência (entre os quais, a história adquire uma importância cada vez maior). O conhecimento da cultura humana é hoje um pressuposto necessário para o conhecimento do próprio homem.

### III

#### *Marxismo*

9. No que diz respeito, de modo especial, ao marxismo, deve-se fazer um estudo à parte, não só porque êle se difundiu em vastas

camadas do gênero humano, como já foi dito antes, mas também porque apresenta características muito peculiares, quer no seu conteúdo doutrinal filosófico político e social, quer no seu método de se inserir na cultura e na sociedade.

A preparação dos candidatos ao sacerdócio deve portanto, incluir uma informação do marxismo, o mais vasta e exata possível. A referida informação deve compreender não só um conhecimento exato do pensamento dos fundadores do marxismo Karl Marx e Friedrich Engels, e das suas raízes na filosofia de George Friedrich Wilhelm e, principalmente, de Ludwig Andreas Feuerbach, mas também as transformações que sofreram as doutrinas destes filósofos, que, nos nossos tempos, se revestem de particular importância: em primeiro lugar o marxismo-leninismo, base doutrinal de todos os movimentos comunistas e das suas ramificações (como, por exemplo, o Maoísmo e o Castrismo), as suas várias correntes revisionistas (o comunismo jugoslavo, a experiência checoslovaca de 1968, o pensamento dos oposicionistas, como Roger Garaudy, Gyorgy Lukacs, Ernest Bloch, etc.), e, por fim, os diversos movimentos neomarxistas, como o marxismo estruturalista de Ludwig Althusser, a “escola de Frankfurt” e Herbert Marcuse, nos quais se inspiraram os movimentos juvenis da “nova esquerda”, que apresentam um conteúdo doutrinal pouco preciso.

Este conhecimento não se deveria limitar apenas ao ateísmo contido na doutrina marxista e à sua filosofia materialista, mas deveria alargar-se, também, a todo o conjunto das doutrinas do marxismo-leninismo, mesmo às doutrinas sociais e políticas. O conhecimento das doutrinas políticas é muito necessário para se estabelecer um diálogo com os comunistas. Para eles, o diálogo, sobretudo o diálogo público e o da colaboração, constitui sempre um fato de natureza política, e, por isso, pelos comunistas, é sempre incluído num sistema de doutrinas políticas e numa grande estratégia, criada por Lenin, para conquistar o poder por meio de alianças com outras forças políticas.

Ora, para se poder avaliar a oportunidade de uma tal aliança e para se evitar que esta se efetue, inconscientemente ou sem vontade própria, é absolutamente necessário conhecer com exatidão a estratégia e a tática do comunismo. Essa necessidade impõe-se, com particular urgência, numa época, como a nossa, tão caracterizada pelo diálogo.

#### IV

##### *Secularização*

10. No que diz respeito ao complexo problema da secularização e a inserção do seu estudo no currículo dos candidatos ao sacerdócio, podem ser válidas, em parte, as reflexões feitas sobre o ateísmo em geral e sobre o marxismo em particular. O problema da secularização difere do problema do ateísmo, mas relaciona-se, de algum modo, com êle

É preciso, no entanto, ter presente a bivalência da secularização, ou seja, o fato de apresentar, além de alguns aspectos negativos, também alguns aspectos positivos, que podem exercer influência na atualização da pastoral. Deve-se, do mesmo modo, distinguir convenientemente a secularização, como fato, da secularização, como ideologia.

Convém analisar os múltiplos elementos constitutivos da secularização e pôr em evidência o seu progressivo desenvolvimento nestes últimos quatro séculos, mais do que insistir na formulação de uma teoria da mesma secularização.

Uma das maiores deficiências do clero é a incompleta informação histórica e cultural que, algumas vezes, se nota nele. Esta deficiência constitui um dos motivos do seu complexo de inferioridade diante do mundo moderno. A diferença entre a riqueza de informação histórica, que as Universidades leigas dão aos seus alunos, e a pobreza que, nos Seminários, algumas vezes, caracteriza a cultura dos aspirantes ao sacerdócio, é motivo, para êles, de certa humilhação. Se os candidatos no sacerdócio não conhecerem bem como o mundo contemporâneo se formou historicamente, nunca poderão compreendê-lo. Todo o pensamento se encarna na vida e a vida instaura-se na história. Os próprios ensinamentos da Igreja, em matéria social, não poderão ser compreendidos, se não forem estudados em relação às épocas e às experiências humanas, nas quais foram expressos.

#### V

##### *Diálogo*

11. Por fim, quanto à formação para o diálogo, é preciso, sobretudo, dar aos alunos um tipo de mentalidade aberta e disponível em



relação a qualquer interlocutor, mais do que instituir cursos teóricos sobre este assunto. Trata-se de uma forma ou de um gênero de vida que deve ser vivido e aperfeiçoado, a todos os níveis e em todos os momentos da experiência humana.

A escola é, sem dúvida, o ambiente mais propício para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das relações entre professores e alunos, mesmo fora do âmbito das aulas. Os candidatos ao sacerdócio devem sentir-se empenhados, com os professores, numa escrupulosa investigação da verdade, numa respeitosa avaliação das opiniões contrárias, numa crítica preferivelmente interna das posições doutrinárias dos interlocutores e num confronto sereno e desinteressado das próprias posições com as posições alheias, mesmo que estas pareçam, sob o ponto de vista pessoal ou sob o aspecto da Revelação, pouco ou nada aceitáveis.

Não se pode comunicar esta "*forma mentis*" aos alunos, com uma informação exclusivamente doutrinal e teórica, embora se deva reconhecer que um curso especializado sobre este assunto pode ser muito útil. Ela é fruto, principalmente, de uma experiência contínua que se adquire com a vida.

É verdade que o diálogo implica grandes dificuldades e perigos, que o candidato deve conhecer prever e evitar. É necessário não cair no diletantismo e na improvisação e que o candidato tenha uma sólida base doutrinal teológica e, sobretudo, filosófica, a fim de não se encontrar inerte, quando entrar em contacto com o mundo secularizado e ateu.

É preciso discernir se o diálogo é, realmente, possível, ou se, pelo contrário, serve unicamente à política, aberta ou ocultamente usado como instrumento para a consecução de finalidades alheias à procura da verdade e da compreensão humana recíproca. Este fato deve ser considerado, de modo especial, quando se trata de um diálogo público, teórico ou prático, ou de colaboração com os comunistas.

Não se deve criar o "mito" do diálogo, favorecendo a ilusão de possuir, com ele, a capacidade de compreender e resolver tudo, simplificando os problemas e pré-fabricando soluções. Com efeito, é impossível encontrar, sempre e em toda a parte, respostas para todos os problemas, e o diálogo, por sua vez, não as pode oferecer, de um modo completo.

Roma, Secretariado para os Não-Crentes, 10 de Julho de 1970.

3. Para uma economia de serviço e fraternidade que elimine o escândalo da fome e da miséria

*Discurso de Paulo VI à Conferência da F. A. O., no dia 16 de novembro de 1970*

Senhor Presidente,  
Senhor Diretor Geral,  
Senhores,

É para Nós uma profunda alegria — e também uma honra — trazermos, também Nós, a esta tribuna, o testemunho de reconhecimento e o grito de angústia e de esperança de milhões de homens, no vigésimo quinto aniversário da F. A. O. Que longo caminho foi percorrido, desde o remoto dia 16 de Outubro de 1945, em que os representantes de quarenta e quatro países foram convidados a assinar o ato de instituição da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura! Os historiadores vão pôr em relevo as importantes realizações da F. A. O., a sua expansão progressiva, o seu constante dinamismo, a audácia das suas perspectivas, a variedade e amplidão da sua atividade — porque “ela é, principalmente, uma instituição criada para agir” —, a coragem dos seus pioneiros, o amor aos homens e, por fim, o sentido da fraternidade universal, que constituem os motivos das suas iniciativas. Além disso, eles sublinharão o extraordinário desafio que vos é feito atualmente: à medida que os vossos esforços aumentam e se organizam, os homens multiplicam-se, a miséria cresce cada vez mais e, enquanto um pequeno número de homens goza de recursos múltiplos e constantemente crescentes, uma parte, cada vez mais considerável, da humanidade continua a ter fome de pão, de educação, e sede de dignidade. A primeira década do desenvolvimento — seria inútil dissimular — foi caracterizada por uma certa desilusão, da parte da opinião pública, perante as esperanças frustradas: dever-se-ia, então, ter feito um esforço, como Sísifo, para fazer rolar a pedra e, depois, entregar-se ao desespero?

*Apoio dos Papas e da Igreja aos objetivos da F. A. O.*

Esta palavra não deveria ser pronunciada neste lugar e nesta assembléia de homens, voltados para o futuro para o colocar ao serviço da humanidade, independentemente dos obstáculos que se apresentarem no caminho. Aliás, o Nosso predecessor Pio XII, no

seu primeiro encontro com a F. A. O., já louvou grandemente a ampliação de vistas “da vossa instituição, especializada em alimentação e agricultura, a abertura espiritual que caracteriza a sua economia e aplicação e, também, a sabedoria e o método perspicaz que presidem à sua realização”. O seu sucessor, o bondoso Papa João XXIII, aproveitou, também êle, tôdas as ocasiões que lhe foram proporcionadas para vos exprimir a sua sincera estima. Quanto a Nós, primeiramente conhecemos o Instituto Internacional de Agricultura, na sua modesta sede da *Villa Borghese*, antes de ver a F. A. O. “percorrer todo o caminho que a conduziu à expansão magnífica que possui atualmente”. Desde aquela época, nunca deixamos de acompanhar, com simpatia, as vossas generosas e desinteressadas iniciativas, particularmente a Campanha contra a fome, nem de prestar homenagem à vossa atividade polivalente e de exortar os católicos do mundo inteiro a colaborarem generosamente com ela, em união com todos os homens de boa vontade. Hoje, tivemos a satisfação de vir à sede da vossa Organização, situada no território da Nossa diocese de Roma, e de retribuir, assim, à F. A. O., as numerosas visitas ao Vaticano, feitas pelos participantes das vossas sessões de trabalho.

Realmente, como poderia a Igreja, solicita pelo verdadeiro bem dos homens, desinteressar-se de uma ação, como a vossa, que procura, tão manifestamente, aliviar as maiores misérias e que está empenhada numa luta sem tréguas, para dar, a cada homem, o alimento necessário para viver, ou seja, para viver uma verdadeira vida de homem, capaz, com o seu trabalho, de assegurar a subsistência dos seus, e habilitado a participar, com a sua inteligência, no bem comum da sociedade, por meio da livre aceitação de um compromisso e da escolha voluntária de uma atividade?. É neste plano superior que a Igreja vos quer dar a sua adesão desinteressada para a obra grandiosa e complexa que realizais: promover uma ação internacional, que tenha por objetivo dar a cada homem os alimentos que lhe são necessários, em quantidade e também em qualidade, e, dêste modo, fazer com que a subalimentação e a desnutrição, juntamente com a fome, sejam progressivamente debeladas, eliminar as causas de tantas epidemias, preparar mão de obra qualificada e dar-lhe o emprêgo necessário, para que o progresso econômico seja acompanhado do desenvolvimento social, sem o qual não existe verdadeiro progresso.

### *Uma empresa importante e complexa*

Com que métodos pretendeis atingir êstes objetivos, que, aliás, Nós aprovamos sinceramente? O estudo que fizemos, com muito

interesse, podemos-lo dizer, da abundante documentação que Nos foi enviada sobre a vossa atividade multiforme, revelou-Nos a prodigiosa e crescente complexidade do vosso esforço, organizado em escala mundial. Uma utilização mais racional dos recursos materiais básicos; um aproveitamento, concebido melhor, das terras e das águas, das florestas e dos oceanos; uma produtividade maior das culturas, da criação de gado e da pesca proporcionam, certamente, a obtenção de provisões maiores e de qualidade melhor. Mas, as necessidades de alimento crescem muito depressa, sob a dupla pressão de um aumento demográfico, algumas vezes muito rápido, e de um consumo cuja curva acompanha a progressão das entradas. O melhoramento da fertilidade do solo, a disposição racional da irrigação, a reunião das fracções de terreno, a valorização das zonas pantanosas, a tentativa de seleccionar os vegetais e a introdução de variedades de cereais, que têm um nível de rendimento elevado, parecem quase realizar a previsão do antigo profeta da era rural: a estepe florescerá. Mas, a um ritmo acelerado, a realização concreta destas possibilidades técnicas não se verifica sem causar nocivas repercussões no equilíbrio do nosso ambiente natural, e a deterioração progressiva, daquilo que convencionalmente se chama "meio ambiente", sob o efeito dos contragolpes da civilização industrial, corre o risco de acabar numa verdadeira catástrofe ecológica. Já vemos que o ar que respiramos se torna viciado, a água que bebemos inquinada, as praias contaminadas, os lagos e até os oceanos, ao ponto de nos fazer temer uma verdadeira "morte biológica", num futuro não distante, se não forem tomadas corajosamente, e severamente aplicadas, sem demora, enérgicas medidas. É uma perspectiva terrível, que deveis considerar com cuidado, a fim de se evitar a aniquilação do fruto de milhões de anos de seleção natural e humana. Numa palavra, tudo está unido intimamente, sendo, portanto, necessário prestar atenção às conseqüências de longo alcance, que as intervenções humanas introduzem no equilíbrio da natureza, que foi posta, com a sua harmoniosa riqueza, à disposição do homem, segundo o desígnio amoroso do Criador.

*O domínio do desenvolvimento: o problema moral*

— Certamente êstes problemas são-vos familiares. Quisemo-os recordar aqui, brevemente, apenas para pôr mais em relevo a urgência e a necessidade, se a humanidade quiser ter uma garantia da sua sobrevivência, de uma radical mudança no seu comportamento. O homem empregou milênios para aprender a submeter a natureza, a dominar a terra, como diz a palavra inspirada do primeiro livro da

Bíblia. Agora, soou a hora de êle dominar o seu próprio domínio. Mas, esta necessária empresa não exige dele menos coragem e decisão do que a conquista da natureza. O prodigioso domínio progressivo da vida vegetal, animal e humana, a descoberta dos segredos da natureza levarão à antimatéria e à explosão da morte? Nesta hora decisiva da sua história, a humanidade oscila, incerta, entre o temor e a esperança. Quem não o adverte? Os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se, necessariamente, contra o homem.

*Uma aquisição essencial: a solidariedade internacional*

O bem-estar está nas nossas mãos, mas é necessário que o queiramos construir todos juntos, uns para os outros, uns com os outros, e nunca uns contra os outros. Além das magníficas realizações dêste 25 anos de atividade, qual é a conquista essencial da vossa Organização, senão a tomada de consciência, por parte dos povos e dos governos, da solidariedade internacional? Não sois, talvez, vós, embora algumas vêzes sem o saber, os herdeiros da misericórdia de Cristo, perante a humanidade indigente: “Tenho compaixão desta multidão”? Não constituís vós, só pelo fato de existirdes, um enérgico desmentido do provérbio desolador da antiga sabedoria “O homem é um lobo para o outro homem”? Não! O homem não é um lobo para o homem, é seu irmão, um irmão compassivo e bondoso.

Nunca, no passado, no decurso dos milênios da dramática aventura humana, tantos povos e tantos homens haviam delegado um número de representantes tão elevado, para uma explícita missão: a de ajudar os homens, todos os homens, a viverem e a sobreviverem. Tudo isto, embora haja tantas ameaças que pesam sobre o mundo, constitui, para Nós, um dos mais válidos motivos de esperança. Aquêles que, no ano 2.000, hão-de vir a ter a responsabilidade do destino da grande família humana, nascem agora num mundo que, melhor ou pior, descobriu a sua interdependência, a sua solidariedade, tanto no bem como no mal, o dever de se unir para não perecer, em resumo: “de trabalhar juntos para edificar em comum o futuro destino da humanidade”. Queira Deus que, um dia, não muito distante, se alargue o círculo da vossa família e que os povos, que ainda não vêm ao encontro, também se sentem à vossa mesa, para que, finalmente, os homens, todos juntos, dêem a sua contribuição a êste objetivo desinteressado.

*Sempre ao serviço do homem: o problema demográfico*

Perante as dificuldades que se devem superar, a tentação de se dedicar, com autoridade, a diminuir o número dos convidados, em vez de multiplicar o número do pão a ser dividido, é sem dúvida forte. Conhecemos muito bem as opiniões que, nas Organizações Internacionais, recomendam um plano de limitação da natalidade, de modo a poderem-se resolver — julga-se —, de maneira radical, os problemas dos países em via de desenvolvimento. Repetimos, hoje, que a Igreja, por seu lado, estimula o progresso científico e técnico, em tudo o que se refere à esfera da ação humana, mas sempre reivindicando o respeito pelos direitos invioláveis da pessoa humana, que devem ser garantidos, em primeiro lugar, pelos poderes públicos. A Igreja, decididamente contrária à limitação da natalidade, que é realizada “com métodos e meios indignos do homem” como disse, com muita razão, o Nosso Venerando Predecessor, João XXIII, exorta todos os responsáveis a trabalharem com audácia e generosidade, para um desenvolvimento integral e solidário, que, entre outros efeitos, favoreça, realmente, um domínio consciente da natalidade, atuado pelos cônjuges, que se tornaram capazes de assumir livremente a própria responsabilidade. Quanto a vós, é o homem quem socorreis. É o homem quem apoiais. Como podereis agir contra êle se, afinal, existis graças a êle e para êle e podeis obter bons êxitos apenas com êle?

*Suscitar a livre cooperação de todos os interessados*

Na realidade, uma das componentes constantes e mais válidas da nossa atividade é esta: as melhores realizações técnicas e os maiores progressos económicos são incapazes de produzirem, só por si, o desenvolvimento de um povo. A planificação e o dinheiro, por mais necessários que sejam, não são suficientes. O seu contributo indispensável, assim como o dos técnicos que o utilizam concretamente, permaneceria estéril, se não fôsse fecundado pela confiança dos homens, pela convicção, neles progressivamente radicada, de se poderem libertar, de pouco a pouco, das suas condições miseráveis, mediante um trabalho que lhes é possível e com os relativos meios ao seu alcance; a evidência imediata dos resultados suscita, com um sentido de legítima satisfação, o compromisso decisivo para a grande obra do desenvolvimento. Em definitivo, não se pode fazer nada a longo prazo sem o homem, mas, com o homem, pode-se empreender e realizar tudo, porque, na verdade, são o coração e o espírito, que conseguem as verdadeiras vitórias. Quando os interessados têm von-

tade de melhorar a sua sorte, e não nutrem qualquer dúvida sobre a sua capacidade de êxito, podem dedicar-se a esta grande causa com todos os tesouros de inteligência e coragem, com todas as virtudes de abnegação e sacrifício e com todos os esforços de perseverança e ajuda mútua, de que são capazes.

*Propor um ideal aos jovens: uma terra fecunda para todos*

Os jovens, de modo particular, são os primeiros a dedicarem-se, com todo o entusiasmo e ardor, próprios da sua vida, a uma iniciativa que corresponde plenamente às suas forças e à sua generosidade. Os jovens dos países ricos, aborrecem-se pela falta de um ideal digno de suscitar a sua adesão e de galvanizar as suas energias e os jovens dos países pobres desesperam-se por não poderem trabalhar de maneira útil, por falta de conhecimentos adequados e da necessária formação profissional. Não há dúvida que a conjunção destas forças da juventude é de tal natureza que pode transformar o futuro do mundo, se os adultos, como nós, souberem prepará-las para esta grande obra, mostrando-lhes a importância da aposta que está em jôgo e fornecendo-lhes os meios para se dedicarem a ela com êxito. Não representa isto, porventura, um projeto tão valioso, que pode suscitar a unânime adesão de todos os jovens, ricos e pobres, transformar as suas mentalidades, superar os antagonismos existentes entre os povos, encontrar remédio para as divisões estéreis e realizar, finalmente, a instauração de um mundo nôvo, fraterno, solidário no esforço, porque unido na realização do mesmo ideal, o ideal de uma terra fecunda para todos os homens?

*Pôr fim aos escândalos: armamentos, esbanjamento, comércio*

Para o conseguir seria necessário, certamente, muito dinheiro. Mas, o mundo, finalmente, não compreenderá, que o seu futuro depende disto? "Quando tantos povos têm fome, tantos lares vivem na miséria, tantos homens permanecem mergulhados na ignorância, tantas escolas, hospitais e habitações, dignas dêste nome, ficam por construir, torna-se um escândalo intolerável qualquer esbanjamento público ou privado, qualquer gasto de ostentação nacional ou pessoal, qualquer recurso exagerado aos armamentos. Sentimo-Nos na obrigação de o denunciar. Dignem-se ouvir-Nos os responsáveis, antes que se torne demasiado tarde". Como havemos, realmente, de nos defender de um sentimento de profunda tristeza perante o trágico

absurdo que leva os homens, e até nações inteiras, a gastarem somas fabulosas com armas bélicas, a manterem focos de rivalidade e de discórdia e a realizarem obras de mero prestígio, quando estas enormes somas de dinheiro, assim esbanjaads, bem utilizadas, seriam suficientes para tirar da miséria um considerável número de países? É uma triste fatalidade que grava tão pesadamente sôbre a raça humana, ricos e pobres, que desta vez se encontram na mesma estrada! Nacionalismo exasperado, racismo promotor de ódio, ânsia ilimitada de poder, sêde intemperante de domínio: quem poderá convencer os homens a afastarem-se dêstes erros? Qual será o primeiro a ter coragem de romper o ciclo da corrida aos armamentos, que se torna cada vez mais destruidora e inútil? Quem terá a clarividência de pôr fim a iniciativas tão aberrantes, como, por exemplo, a suspensão de algumas produções agrícolas, por falta de organização dos transportes e dos mercados? O homem, que soube conquistar o átomo e vencer o espaço, saberá, finalmente, dominar o seu egoísmo? A UNCTAD — esperamo-lo — talvez consiga impedir o escândalo de a produção dos países pobres ser adquirida, a preços mínimos, pelos Países ricos, que, por sua vez, vendem os seus produtos aos países pobres, a preços elevados. Trata-se, obviamente, de transformar uma economia, freqüentemente caracterizada pelo poder, pelo esbanjamento e pelo temor, numa economia de serviço e de fraternidade.

*Necessidade de uma autoridade mundial e de um direito internacional eficazes*

Perante as dimensões mundiais dêste problema, só é possível encontrar uma solução adequada no plano internacional. Ao falar assim, não pretendemos excluir, de qualquer maneira, as inúmeras e generosas iniciativas privadas e públicas, pelo contrário — é suficiente, a propósito, citar a obra incansável da nossa *Caritas Internationalis*, cujo florescimento espontâneo serve para despertar e estimular tanta boa vontade desinteressada. Mas, como já dissemos em Nova York, com a mesma convicção do Nosso Predecessor João XXIII na sua Encíclica *Pacem in Terris*: Quem não vê a necessidade de chegar progressivamente à instauração de uma autoridade mundial, que esteja em condições de agir de modo eficaz no plano jurídico e político? Aliás, ao empenhar-vos no Plano Indicativo Mundial para o Desenvolvimento Agrícola (PIM), cujo projeto integra o conjunto das perspectivas dêste setor, num panorama de dimensões mundiais, havel-o compreendido. Não há dúvida que os acordos, estipulados livremente entre os Estados, podem favorecer a sua atuação. Também



é inegável que a passagem de economias de lucro, egoisticamente fechadas, para uma economia solidária de necessidades voluntariamente assumidas, exige que seja adotado um direito internacional de justiça e equidade, ao serviço de uma ordem universal autenticamente humana.

Portanto, é necessário ousar, com coragem e perseverança, ardor e entusiasmo. Há ainda muitas terras incultas, muitas possibilidades a explorar, muitos braços sem trabalho, muitos jovens desempregados e muitas energias desperdiçadas! A vossa missão a vossa responsabilidade e a vossa honra serão fecundar estas forças latentes, despertar o seu dinamismo, e orientá-lo para o serviço do bem comum. Manifestamos, assim, a amplidão da vossa tarefa e a sua grandeza, isto é, a sua urgência e necessidade. Ao lado dos homens de Estado responsáveis, dos publicistas, dos educadores, dos homens de ciência e dos funcionários, em união com todos, é necessário que promovais incansavelmente o estudo e a ação em escala mundial, enquanto todos os fiéis a acompanham com a oração Àquele que deu o crescimento. Já começam a aparecer importantes resultados, que, ontem, não se esperavam, e, hoje, são garantia de fundadas esperanças: haverá quem, nestes últimos dias, não tenha aceitado, como indício simbólico, a atribuição do Prêmio Nobel da Paz a Norman Borlaug, chamado “o Pai da revolução verde”? Ah, se tôdas as boas vontades fôssem mobilizadas, no mundo, numa conspiração pacífica contra a trágica tentação da violência, então, certamente, ela poderia ser superada!

#### *Apêlo final: o amor fraterno*

11. Talvez mais do que uma pessoa perca a cabeça perante perspectivas como esta. Permiti-Nos, contudo, que digamos sem ambições, sob o ponto de vista humano, moral e espiritual, que é da nossa competência: não há qualquer estratégia de ordem mercantil, ou ideológica, que possa abafar o lamento crescente de todos os que sofrem por uma “merecida miséria”, nem o dos jovens, “cujo protesto ressoa como um sinal de sofrimento e um apêlo à justiça”. Se, para o homem, a necessidade e o interesse são, muitas vezes, o movente poderoso para a ação determinante, a crise atual só poderá ser superada por meio do amor. Porque, se “a justiça social nos faz respeitar o bem comum, somente a caridade no-lo faz amar”. “A caridade, que quer dizer amor fraterno, é o motor de todo o progresso social”. As preocupações de ordem militar ou as motivações de ordem econômica nunca permitirão satisfazer as graves exigências dos homens do

nosso tempo. É necessário o amor pelo homem: o homem consagra-se e dedica-se ao homem, porque reconhece nele o seu irmão, o filho do mesmo Pai e — o cristão acrescenta — a imagem de Cristo sofredor, cuja palavra o deve sensibilizar no mais íntimo da sua alma: "...Tive fome e deste-Me de comer". Esta palavra de amor é a nossa. Confiamos-vos-la humildemente, como o nosso tesouro mais caro, como a lâmpada da caridade, cujo fogo abrasador devora os corações e cuja chama ardente ilumina o caminho da fraternidade e guia os nossos passos pelas vias da justiça e da paz.

#### **4. Pobres, a Igreja vos ama!**

*Discurso do Santo Pedro no Bairro de Tondo — Manilla, no dia 29 de novembro de 1970*

Agradeço todos que me encaminharam para este bairro, porque aqui sinto-me verdadeiramente um mensageiro; estou convencido que devia vir exatamente aqui, porque tenho que fazer minha a missão de Jesus Cristo, o Qual foi enviado por Deus, pelo Pai que está nos céus, como Ele próprio nos disse "para anunciar a Boa-Nova aos Pobres, o Evangelho" (Lc 4, 18).

E, ao vir aqui entre vós, tomo consciência desta missão; também vos estou grato por isso e, ainda, por me acolherdes e ouvirdes, por uns momentos, as minhas palavras.

Venho até vós, como enviado de Cristo; portanto, como um Pastor que vai ao encontro do seu rebanho, como um amigo ou um irmão. Sou chefe e ministro da Igreja Católica e sinto o dever de proclamar, aqui, perante vós, que essa Igreja vos ama; ama a vós, Pobres!

Que quer dizer, "a Igreja ama-vos"?

Quer dizer que essa Igreja reconhece, primeiro que tudo, a vossa dignidade de homens, de filhos de Deus; a vossa igualdade em relação a todos os homens, a preferência que vos é devida, pelo fato de terdes muitas necessidades, para dar à vossa vida uma suficiência e um certo bem-estar, tanto material como espiritual. Sinto a obrigação

de professar, aqui mais do que em qualquer lado, os “direitos do homem”, para vós e para todos os Pobres do mundo.

Por isso, quero ainda dizer que a Igreja deve amar-vos, assistir-vos e ajudar-vos, também com meios práticos e com o seu serviço generoso; deve favorecer a vossa libertação econômica e social, lembrando, a si própria e à sociedade civil, que têm de se reconhecer, efetivamente, os vossos direitos humanos fundamentais, promovendo, em todos os campos, a possibilidade de alcançardes, pelas vias da assistência (que chamamos caridade) e, também mediante um trabalho honesto e a ordem civil, o progresso e o bem-estar da vida moderna.

Entretanto, também vos quero lembrar, em virtude do Nosso ministério apostólico, que, além do pão e acima do bem-estar temporal, a que legitimamente aspirais, e para cuja consecução todos devem ser solidários convosco, tendes, como qualquer homem, em sentido lato, outras necessidades de ordem superior; de fato, como ensinou Jesus Cristo, “mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens” (Lc 12, 15). É aqui, precisamente, que reside a grande ilusão do nosso tempo, que leva muitas pessoas a acreditarem que a finalidade suprema da vida consiste na luta e na conquista dos bens econômicos e sociais, nos bens temporais e exteriores.

Vós fostes criados para um bem superior, para um “reino dos céus”, o único tem que se poderá vir a ter a plenitude da vida, presente e futura, como Jesus justamente nos ensinou.

Também fostes chamados para serdes cristãos; com a fé, com a graça, com a honestidade da vida, e fazendo parte da Igreja Católica. E, reparai, que isto não é uma fantasia vã; é a verdade. Vós, com todos os Pobres, os que sofrem, os que têm sede de justiça e de paz, sois os primeiros; quem realmente foi chamado para este destino de redenção e de felicidade.

Permiti que, então, neste lugar, como humilde Vigário de Cristo, faça ecoar, para vós e para o mundo, a sua mensagem humano-divina: “Bem-aventurados os Pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5, 3).

É o que tinha a dizer-vos e, “sei que, indo ter convosco, irei com a plenitude das bênçãos de Cristo” (Rom 15, 29).

## 5. Mensagem Missionária de Paulo VI

*Das Ilhas de Samoa, no dia 29 de novembro de 1970*

Diletos Filhos e Filhas:

Eis-me aqui, no meio de vós! Venho de longe, de Roma, onde se encontram os túmulos dos grandes Apóstolos, São Pedro e São Paulo, e de tantos outros Santos e Mártires, e trago-vos a sua bênção.

Não foi nem o gosto de viajar nem algum interesse que me trouxe até aqui, junto de vós. Vim porque todos somos irmãos, ou melhor, porque todos vós sois meus Filhos e minhas Filhas e é conveniente que na qualidade de pai de família, desta família que é a Igreja Católica, eu demonstre que todos vós, individualmente, tendes direito a uma afeição igual. Sabeis o que significa “Igreja Católica”? Significa que ela está em todo o universo, que é para todos, que em nenhum lado é estrangeira: todos os homens, qualquer que seja a sua nação, a sua raça, a sua idade, ou a sua instrução, têm um lugar nela.

Porque posso anunciar-vos uma verdade tão extraordinária? Porque Jesus Cristo, o primogênito de todos os homens, quis que a realidade fôsse esta. Ele é o Filho de Deus, nosso Pai do Céu e, ao mesmo tempo, é o Filho de Maria, nossa irmã pela estirpe humana. É Ele quem nos salva; Ele é o nosso Senhor. Foi Ele quem me enviou, como enviou os missionários.

Com efeito, êstes homens e estas mulheres de Deus vieram para as vossas ilhas, enviados por Jesus Cristo. Ensinarão-vos a mesma doutrina que eu vos trago. Vieram impelidos por um amor idêntico àquele que me anima.

A obra missionária, que teve início no dia de Pentecostes e em nome da qual eu me encontro entre vós, prossegue ainda nos nossos dias. É sempre necessária e sempre urgente. No mundo, ainda existem muitos homens que não encontraram a verdade. A semente que Deus colocou nos seus corações ainda não encontrou terreno para germinar e desenvolver-se totalmente, por falta de quem o prepare.

Por isso, quero pedir-vos um favor. Trata-se do seguinte: enviem todos juntos uma mensagem, ou seja, uma carta-convite, a todos os Católicos do mundo inteiro, para lhes dizer que existem ainda muitos homens e muitos povos, que não receberam, até agora, os Missionários, ou então que receberam muito poucos Missionários. E

acrescentemos que é necessário mandar para cá, para tôdas as Ilhas e para tôdas as partes da terra, que ainda não conhecem Jesus Cristo, novos Missionários e novas Missionárias, para pregarem o Evangelho e para batizarem todos os que desejam tornar-se cristãos; e, também, para instruírem o povo, para educarem as crianças, para ensinarem à juventude o que há de belo e bom, para trabalharem, para oferecerem à vossa vida os meios de que ela precisa para crescer e se desenvolver, para pregarem que é necessário respeitar todo o ser humano, para demonstrarem como se deve viver bem, na justiça e na paz, e para anunciarem quem é Jesus Ressuscitado e como devemos amar a Deus e a todos os homens.

Agrada-vos esta proposta?

Apresento-vos uma fôlha. Nela está escrita a mensagem missionária. Vamos todos assiná-la. Será a mensagem católica das Missões de Samoa, em favor das Missões de todo o mundo. O mundo inteiro ouvir-vos-á!

Nós, Paulo VI, com a comunidade católica da Ilha de Upolu, reunida em tórno do seu Bispo Pío Taofinu'u, e o seu clero, e com os Nossos colaboradores, os Cardeais Eugène Tisserant e Agnelo Rossi, os Arcebispos Giovanni Benelli, Agostino Casaroli e Sergio Pignedoli e o Bispo Jacques Martin, lançamos um apêlo, que pretende ser um brado, a tôda a Igreja, dispersa pelos quatro pontos cardiais, erguido daqui, desta terra privilegiada, perdida na imensidade do Oceano Pacífico, mas já de longa data aberta à Mensagem evangélica.

*Em resposta às vozes angustiadas das almas ávidas de luz, que nos interpelam: "Passa à Macedônia e vem ajudar-nos" (At 16, 9), cheios de compaixão pelas multidões que têm fome do pão da Palavra e do Pão da Eucaristia, que não lhes é repartido, de admiração, diante da riqueza que Deus colocou no coração dos homens e das promessas maravilhosas de colheita evangélica, repetimos o convite dirigido por Deus, desde o início dos tempos, às almas generosas: "Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que eu te indicar" (Gen, 12, 1)*

Vós, Bispos da Santa Igreja Católica, que, em virtude da colegialidade do Episcopado, compartilhais a solicitude pelo bem de tôda a Igreja (Cfr. Lumen Gentium, 23), estendei o vosso ardor apostólico à causa da difusão da Igreja pelo mundo inteiro (Cfr. Fidel Donum).

Vós, sacerdotes, cuja fé aspira a comunicar-se em espaços mais amplos, vinde trazer o fogo do vosso zêlo, àqueles cuja simplicidade

*de vida lhes salvaguardou a sensibilidade para com os valores do espírito.*

*Vós, religiosos e religiosas, cuja vida está inteiramente consagrada à imitação do Senhor, ide unir-vos às valorosas gerações de missionários que, desde muitos séculos, se tornaram, segundo as suas pegadas, os mensageiros da fé, da paz e do progresso, anunciando Cristo, Mestre e Modelo, Libertador e Salvador (Cfr. Ad Gentes, 8).*

*Vós, jovens de ambos os sexos, cujas almas, sedentas de verdade, de justiça e de amor, procuram causas nobres, para defender com vigor e desinteresse, atendei o apêlo que fazemos para vos tornardes arautos da Boa-Nova da Salvação. Vinde, com a generosidade da vossa fé e do vosso entusiasmo juvenil, ensinar aos homens que há um Deus que os ama, que os espera e que os quer junto de si, como filhos reunidos à volta do chefe de família. Vinde cuidar dos corpos, esclarecer as inteligências, ensinar a viver melhor, a crescer em humanidade e a edificar a Igreja, para maior glória de Deus.*

*Vós, que sois ricos, oferecei ao apóstolo uma parte dos bens de que o Senhor vos confiou a administração, para que êle possa viver e as suas iniciativas pastorais consigam prosperar.*

*Vós, que sois pobres, oferecei a vossa luta e o vosso suor pelo pão de cada dia, a fim de que êste pão possa ser partilhado com todos.*

*Vós, que sofreis, que chorais e que sois perseguidos, oferecei também o vosso sofrimento, para que o Corpo de Cristo cresça, na justiça e na esperança (Cfr. Col 1, 24).*

*Dizemos, enfim, a tôda a cristandade católica: “Alarga o espaço da tua tenda, estende as peles que te abrigam...” (Is 54, 2), e procura oferecer, a um mundo em marcha para a unidade, o alimento indispensável da harmonia, porque, se a procura da verdade em comum, aproxima os homens uns dos outros, só o encontro dos corações consolida a sua unidade.*

*Pedimos a todos vós que vos esforceis por construir, no Espírito de Jesus Cristo, êste corpo gigante e místico que é a Igreja em formação. Depende de vós que amanhã a paz e a fraternidade dissipem as sombras da morte. Deus tem necessidade de vós, para que à volta de Cristo-Salvador, se levante, em uníssono, (Cfr. Ef 2, 21), o hino ao Criador, Deus e Pai de todos (Cfr. Ef 4, 6).*

*Ouvi a nossa voz, Irmãos e Irmãs desconhecidos. E a graça do Senhor esteja convosco. AMÉM!*

## 6. Discurso de Paulo VI aos jovens

*Sidney, 2 de dezembro de 1970*

Queridos Filhos e Filhas:

Desejamos incluir no programa dos Nossos encontros este especial contato convosco, jovens da Austrália. Não porque vós não constituísseis uma parte da comunidade católica, que sem dúvida constituís pelo próprio Batismo e pela participação da mesma fé (Cfr. Ef. 4,5); mas porque Nos pareceu que, neste povo, tão jovem, vós sois os jovens entre os jovens e, por isso, tendes direito a uma especial mensagem.

Gostaríamos que vísseis neste encontro um sinal da especial amizade da Igreja para com a juventude. Com isto, não quer dizer que a Igreja se sinta velha e procure apoio nas forças dos jovens e dos fortes. Não há dúvida que ela se pode orgulhar da sua longa história e da rica experiência que adquiriu no contato com muitas gerações, de todas as raças e culturas. Contudo, pensamos que isto não a impede de se interessar pelas novas gerações de hoje, ou de procurar o seu apoio. A sua razão de ser, e o que a justifica, é o dever de alargar a presença de Jesus Cristo entre os homens, divulgar a sua Palavra e comunicar a sua vida. Não se definiu Cristo, porventura, “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6)? Não é Ele a luz para todos os homens (Cfr. Jo 1, 9)? É o homem novo e perfeito, eternamente jovem porque domina as vicissitudes dos tempos. No nosso tempo, como nos primórdios do Cristianismo, é Aquê que revela o homem a si mesmo e lhe permite realizar-se totalmente. O Concílio chamou-lhe, com muita propriedade, “o fim da história humana, o ponto para o qual tendem os desejos da história e da civilização, o centro da humanidade, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações” (*Gaudium et Spes*, 45).

A missão da Igreja está em relação direta com a vontade de Cristo, de se dirigir a todos, para os ajudar a realizarem-se no seu íntimo, segundo a sua capacidade e para os elevar e salvar, tornando-os filhos de Deus. É de Cristo que a Igreja recebe um poder muito superior a qualquer sociedade humana, que é a resposta cabal aos vossos jovens corações, porque ela é “a juventude do mundo” (Mensagem do Concílio — aos Jovens, em 8-12-1965). A Igreja renova-se, incessantemente, oferecendo a todas as novas gerações e a todos os povos novos a Boa-Nova salvadora, porque encontra no tesouro infinito da Palavra de Deus e resposta às situações mais enigmáticas.

É por isso que se aproxima de vós, honesta e simplesmente. Ela conhece os vossos valores: o vosso entusiasmo pelo futuro, a vossa força numérica, a vossa aversão ao ódio e à sua pior expressão, que é a guerra, e até a vossa antipatia pelo que é antiquado na civilização atual. Deus concedeu-vos estas virtudes para que pudésseis encontrar uma situação nova, com uma nova atitude. Aquêlê que criou a vida e, pela sua Encarnação, se quis tornar participante de tôda a nossa condição humana, exceto do pecado, também tem a capacidade de dirigir a história humana para a sua meta. Elle pode salvar êste mundo da divisão e do caos, conduzindo-o, com a livre colaboração de todos, para o maravilhoso destino do Reino de Deus.

Existe uma íntima relação, caros jovens, entre a vossa fé e a vossa vida. Na insatisfação que vos atormenta e na vossa crítica à sociedade — que hoje é justamente chamada sociedade condescendente — há um raio de luz.

Nesta sociedade, infelizmente, todos os dias se verificam mais atos agressivos, novas atitudes e exemplos de comportamentos que não são cristãos. Quando os denunciaes e pedis à sociedade para os eliminar e substituir com valores autênticos fundados na verdadeira justiça, na verdade sinceridade, na verdadeira retidão moral e na verdadeira fraternidade, inegavelmente tendes razão. Não só tendes a aprovação da Igreja, mas o seu total apolo.

Mas, prestai atenção à maneira como trataes o assunto e fazeis êste esforço porque se retrocedes, se vos arvorais em juizes da vossa verdade e se rejeitais o passado em conjunto, ou seja, se rejeitardes o que foi construído com os esforços de representantes da mesma raça humana a que vós pertenceis, gente com as mesmas qualidades e defeitos, então o mundo de amanhã não será substancialmente melhor, embora seja diferente. O caminho do mal não terá sido extirpado, ou seja, o orgulho humano. “O homem — dizíamos na Nossa Encíclica *Populorum Progressio* —, pode organizar a terra sem Deus, mas “Sem Deus só a pode organizar contra o homem. Humanismo exclusivo é humanismo desumano” (n. 42).

Se, por outro lado, vos decidirdes a ir ao encontro d'Aquêlê que mais do que ninguém, deu prova do seu amor pelo homem, entregando-se, até à morte, para salvar, então tereis acendido a chama dos vossos ideais, com o lume do seu amor infinito e, neste caso, participareis na marcha do homem em direção da luz. “Não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar” (At 4, 12).



Esta é a vossa vocação, queridos Filhos e Filhas. É nisto que o vosso dever consiste. Deveis escolher se sois pelo homem, com Jesus Cristo, ou contra o homem. Não se trata de uma opção sentimental ou superficial. Trata-se das vossas vidas e das vidas dos outros.

Com a ajuda dos vossos pais, dos vossos professores, dos vossos colegas, entre vós e em organizações adequadas à vossa idade e aos vossos estudos, tendes o dever de aprofundar o vosso conhecimento e a compreensão destas realidades da vossa fé. Não é possível que as vossas vidas de jovens dependam agora da luz da fé que tinheis em criança.

Além disso, não é um problema só vosso, mas de todos os vossos irmãos e irmãs da Austrália. É um problema que ultrapassa as vossas fronteiras, é o problema da salvação do mundo. Deus não nos salvou isolada e individualmente. O seu plano a nosso respeito era unido e pacífico. Encontrareis a vossa felicidade, essencialmente, ao compartilhá-la com o próximo. Não faltam oportunidades para o fazer. Aparecem entre vós, entre os vossos próprios colegas de curso; aparecem nas vossas paróquias, junto dos pobres e dos doentes; aparecem além-mar, no mundo que vos rodeia e que procura encontrar as verdadeiras razões da sua vida.

Pedimos ao Senhor, com grande fervor e afeto, que ilumine os que duvidam, conforte os que sofrem e se revele a todos vós. A Ele, tão bom e tão próximo de vós, pedimos que vos conceda a paz e a alegria dos vossos corações. Com profundo afeto damos-vos a Nossa especial Bênção Apostólica, a vós, aqui reunidos, e a toda a juventude da Austrália.

## 7. Todo homem é meu irmão

*Mensagem de Paulo VI no Dia da Paz em 1971.*

Ouvi-nos. Vale a pena. Sim, a nossa palavra é a habitual; paz. Mas é a palavra de que o mundo tem necessidade: uma necessidade urgente, que a torna nova.

Ao alvorecer deste novo ano, abramos os olhos e observemos duas ordens de fatos gerais, que investem o mundo, os povos, as famílias e as pessoas individualmente. Parece-nos que estes fatos incidem profunda e diretamente sobre os nossos destinos. Cada um de nós o pode prever.

Observai a primeira ordem dos fatos. Verdadiramente não é uma ordem, mas uma desordem. Porque todos os fatos, que reunimos nesta categoria, assinalam um regresso a pensamentos e obras, que a experiência trágica da guerra parecia já ter, ou devesse ter anulado. Ao findar a guerra todos disseram: basta. Basta para quê? Basta para tudo o que havia gerado a carnificina humana e a incomensurável ruína. Logo após a guerra, no princípio desta geração, a humanidade teve um lampejo de consciência: não só é preciso arranjar as sepulturas, medicar as feridas, reparar os desastres, dar à terra uma face nova e melhor, mas também é necessário eliminar as causas da conflagração sofrida. As causas: esta foi a idéia genial; procurá-las e eliminá-las. O mundo respirou. Parecia, realmente, que estava para nascer uma época nova, a paz universal. Todos se mostravam dispostos a mudanças radicais, com o objetivo de evitar novos conflitos. Das estruturas políticas, sociais e econômicas chegou-se a vislumbrar um horizonte de magníficas inovações morais e sociais; falou-se de justiça, de direitos humanos, de promoção dos fracos, de convivência pacífica, de colaboração organizada e de união mundial. Foram dados grandes passos; os vencedores, por exemplo, prestaram socorro aos vencidos; foram fundadas grandes instituições; o mundo começou a organizar-se sobre os princípios de solidariedade e de bem-estar comum. O caminho para a paz, como condição normal e estatutária da vida do mundo, parecia definitivamente traçado.

Apesar disso, que vemos depois de vinte e cinco anos dêste real e idílico progresso? Vemos, sobretudo, que as guerras, aqui e ali, ainda se encrudesce, parecendo chagas incuráveis, que ameaçam alargar-se e agravar-se. Vemos continuarem e, nalguns lados, aumentarem as discriminações sociais, raciais e religiosas. Vemos ressuscitar a mentalidade de outrora; o homem parece reafirmar-se, primeiro, em posições psicológicas e, depois em posições políticas do passado. Reaparecem os demônios de ontem. Volta a supremacia dos interesses econômicos com o fácil abuso da exploração dos fracos; volta o hábito do ódio e da luta de classe e, assim, renasce uma guerra endêmica internacional e civil, volta a luta pelo prestígio nacional e pelo poder político; volta a disputa das ambições contrastantes, dos particularismos fechados e indomáveis das raças e dos sistemas ideológicos; recorre-se à tortura e ao terrorismo: recorre-se ao delito e à violência, como um fogo ideal, sem fazer caso do incêndio que dele pode nascer; pensa-se na paz como se fôsse um mero equilíbrio de forças poderosas e de pavorosos armamentos; sente-se o arrepio de medo que qualquer imprudência fatal faça explodir inconcebíveis e irreprimíveis conflagrações. Que acontece? Para onde se vai? Que falhou? Que faltou? devemo-nos resignar, pondo em dúvida que o

homem é capaz de realizar uma paz justa e firme, e renunciando a imprimir na educação das novas gerações a esperança e a mentalidade da paz?

Felizmente apresenta-se à nossa observação outro diagrama de idéias e fatos; é o da paz progressiva. Porque, apesar de tudo, a paz caminha. Verificam-se descontinuidades, incoerências e dificuldades; mas, mesmo assim, a paz caminha e apresenta-se ao mundo com um caráter de invencibilidade. Todos o sentem; a paz é necessária. Decididamente orientada para a unidade, constitui, de per si, o progresso moral da humanidade. A unidade e a paz, quando a liberdade as une, são irmãs. A paz tem a aprovação crescente da opinião pública, convencida da absurdidade da guerra como fim de si mesma, considerada o único meio fatal para extinguir as controvérsias entre os homens. Vale-se da rede cada vez mais densa das relações humanas: culturais, econômicas, comerciais, desportivas e turísticas; é preciso viver juntos, e é bonito conhecer-se e ajudar-se. Está-se a formar, no mundo, uma solidariedade fundamental, que favorece a paz. As relações internacionais desenvolvem-se cada vez mais, constituindo a promessa, e também a garantia, de uma certa concórdia. As grandes instituições internacionais e supernacionais revelam-se providências, tanto na origem como no fim, que é a convivência pacífica da humanidade.

Perante este duplo quadro onde se sobrepõem fenômenos contrários para a obtenção do objetivo, que ocupa o primeiro lugar no nosso coração, ou seja, a paz, parece-nos poder apresentar uma observação única, mas com duplo significado. Apresentamos duas perguntas, correlativas aos dois aspectos da ambigua cena do mundo presente:

— Como, a paz, hoje, enfraquece?

— como, a paz, hoje, progride?

Qual é o elemento que emerge, em sentido negativo, ou em sentido positivo, desta simples análise? O elemento é sempre o homem. No primeiro caso, o homem desvalorizado, no segundo, valorizado. Ousamos dizer uma palavra, que pode até parecer ambigua, mas que é considerada, na exigência da sua profundidade, uma palavra sempre bela e suprema: o amor, o amor ao homem, o primeiro valor da ordem terrena. Amor e paz são entidades correlativas. A paz é um efeito do amor; a paz verdadeira, a paz humana. A paz pressupõe uma certa "entidade de escolha". Esta é a amizade. Se quisermos a paz, devemos reconhecer a necessidade de a fundamentar em bases mais sólidas, não na falta de relações (hoje as relações entre

os homens são inevitáveis, aumentam e impõem-se), nem na existência de relações de interesse egoístico (são precárias e muito quiméricas), nem sequer no entrecho das relações meramente culturais ou acidentais (podem ser uma espada de dois gumes, para a paz ou para a guerra). A verdadeira paz deve ser fundamentada sobre a justiça, sobre o sentido da intangível dignidade humana, sobre o reconhecimento de uma inalienável e feliz igualdade entre os homens, sobre o dogma fundamental da fraternidade humana. Isto é, do respeito, do amor devido a cada homem, porque é homem. Emerge com ímpeto a palavra vitoriosa; porque irmão. Meu irmão, nosso irmão.

Esta consciência da fraternidade humana universal, felizmente, também progride no nosso mundo, pelo menos em linha de princípio. Quem trabalha para levar as novas gerações a convencerem-se que todos os homens são nossos irmãos, constrói o edifício da paz desde os alicerces. Quem introduz na opinião pública o sentimento da fraternidade humana sem barreiras, prepara dias melhores para o mundo. Quem concede a tutela dos interesses políticos sem o impulso do ódio e da luta entre os homens, como necessidade dialética e orgânica da vida social, proporciona à convivência humana o progresso sempre ativo do bem comum. Quem ajuda a descobrir, em cada homem, além dos caracteres somáticos, étnicos e raciais, a existência de um ser igual ao próprio, transforma a terra, de um epicentro de divisões, de antagonismos, de insídias e de vinganças, num campo de trabalho orgânico de colaboração civil. Porque onde a fraternidade entre os homens é desconhecida na raiz, a paz também é destruída nas suas raízes. No entanto, a paz é o espelho da verdadeira humanidade autêntica, moderna, vitoriosa sobre qualquer autolesionismo anacrônico. A paz é a grande idéia que celebra o amor entre os homens, que se descobrem irmãos e se decidem a viver como tais.

Esta é a nossa mensagem para 1971. Repete, como uma voz que sai nova da consciência civil, a declaração dos Direitos do Homem: "Todos os homens nascem livres e iguais na dignidade e nos direitos; são dotados de razão e de consciência e devem comportar-se, uns para com os outros, como irmãos". A doutrina da civilização chegou até aqui. Não voltemos para trás. Não percamos os tesouros desta conquista evidente. Demos, sim, aplicação lógica e corajosa a esta fórmula, tendo em vista o progresso humano: "todos os homens são meus irmãos". Esta é a paz, no seu ser e no seu devir. E, isto é válido para todos!

É válido, irmãos de fé em Cristo, especialmente para nós. A sabedoria humana, que, com imenso esforço, chegou a uma conclusão tão

elevada e difícil, nós, crentes, podemos acrescentar um conforto indispensável. Principalmente o conforto da certeza (porque dúvidas de qualquer gênero a podem insidiar, tornar débil e anular). A nossa certeza, na palavra divina de Cristo Mestre, que a eternizou no seu Evangelho: vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8). Também podemos oferecer o conforto da possibilidade de aplicação (porque, na realidade prática, como é difícil sermos verdadeiramente irmãos para com todos os homens!); podemos-lo fazer recorrendo, como regra prática e normal de ação, a um outro ensinamento fundamental de Cristo: “o que quizerdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7, 12). Os Filósofos e os Santos, quanto meditaram sobre esta máxima, que insere a universalidade da norma de fraternidade na ação particular e concreta da moralidade social! E, também, estamos em condições de apresentar o argumento supremo: o da Paternidade divina, comum a todos os homens, proclamada a todos os crentes. Uma verdadeira fraternidade entre os homens, para ser autêntica e obrigante, supõe e exige uma Paternidade transcendente e repleta de amor metafísico, de caridade sobrenatural. Podemos ensinar a fraternidade humana, isto é, a paz, ensinando a reconhecer, a amar e a invocar o Pai Nosso, que está nos céus. Sabemos que, se primeiro, não removermos, nós próprios, os obstáculos à reconciliação com o homem-irmão, encontraremos a entrada do altar de Deus fechada (Cfr. Mt. 5, 23 ss.; 6, 14-15). E sabemos que, se formos promotores da paz, então poderemos ser chamados filhos de Deus e estar entre aqueles que o Evangelho chama Bem-aventurados (Cfr. Mt 5, 9).

Que força, que fecundidade e confiança a religião cristã confere à equação fraternidade e paz. E que alegria para nós, encontrarmos, na coincidência dos termos deste binômio, o cruzamento dos caminhos da nossa fé com os das esperanças humanas e civis.

## 8. O problema da educação da juventude moderna

*Palavras de Paulo VI, na hora do Angelus, na festa de São João Bosco, no dia 31 de janeiro de 1971*

O culto dominical, inteiramente dedicado a Deus, segundo a forma litúrgica, não Nos impede de recordar São João Bosco, cuja

festa é celebrada hoje; primeiro, porque a recordação dêste Santo interessa bastante ao nosso tempo e serve de exemplo, alimentando a sua energia, a uma grande família religiosa, a dos Salesianos, tão difundida no mundo e tão benemerita na Igreja; segundo, porque a obra dêste Santo é principalmente dedicada a um dos problemas mais graves da nossa sociedade, o da educação da juventude, especialmente da juventude do povo que trabalha.

Assim, hoje sentimo-Nos impellido, na recordação de São João Bosco, a refletir sobre este problema, agora que a juventude tem mais necessidade e está mais impaciente do que nunca de ser iniciada na cultura moderna, por meio de uma formação completa, intelectual, moral e profissional, e que a escola está em fase de reforma e de desenvolvimento.

Todos nós, como Dom Bosco, devemos nutrir grande amor, estima e confiança, quase uma paixão, pela juventude, qualquer que seja a forma em que ela se nos apresenta. A juventude predomina em número, em vivacidade e em necessidade no consórcio social. É um dever amá-la e dedicar-lhe cuidados e interesse.

O problema pedagógico adquire enormes proporções em toda a parte, exigências novas e complexas. Todos devemos considerá-lo um problema de primária importância: devemos fazer votos por que a família, a sociedade, a Igreja e a própria juventude adquiram plena consciência da sua respectiva função no campo da educação dos jovens e que a conspiração das suas forças morais seja promovida e favorecida harmoniosamente.

É questão de métodos; sim, e oxalá a ciência e a experiência nos indiquem outros melhores! É questão de meios; sim, e esperamos que estes não venham a faltar em nenhuma forma escolar pública ou livre de comprovada bondade. É questão de pessoas; sim, principalmente de pessoas; devemos fazer votos por que a vocação para a educação encontre sempre muitos espíritos generosos que lhe sejam fiéis. Finalmente, é questão de princípio, a que a concepção cristã da vida pode fornecer um rico tesouro de sabedoria sobre a verdadeira antropologia, sobre a verdadeira deontologia, sobre a verdadeira possibilidade que o homem tem de adquirir a sua dimensão perfeita, o seu sentido pessoal e comunitário, o seu destino; e pode evitar o perigo que a juventude, que vive no clima moderno, agnóstico e pluralista, cresça com ceticismo e incerteza, sem saber bem aonde deve fixar os pontos cardiais da sua orientação.

Repetimos que a juventude, ou seja, a enorme vaga da geração que está em fase de crescimento, deve ser para todos um problema estimado, presente e urgente, pelo menos na oração de hoje.

## VIII. NECROLOGIA

---

### *Padre Francisco Alessandri*

★ em Piana (Córsega-França) 18-9-1877, † em Morges (Suíça) 22-5-1970 com 93 a., 69 de profissão e 64 de sac.

### *Coad. Vergílio Aluffi*

★ em Agliano de Asti (Itália) 10-7-1897, † em Buenos Aires (Argentina) 16-12-1970 com 73 a., 44 de prof.

Desde o fim do noviciado em 1926 até à última doença, desempenhou com admirável diligência o encargo de enfermeiro. Com a caridade e paciência que tinha era a imagem viva do “Bom Samaritano”, caracterizando-se pela abnegação e silêncio. De piedade profunda, a sua vida trabalhosa só se interrompia com visitas à capela e a reza do santo rosário. Seus co-irmãos e doentes que assitia prestam-lhe preito de gratidão e admiração.

### *Padre Francisco Alvarez Camacho*

★ em Caracas (Venezuela) 23-2-1874, † em Caracas 13-8-1970 com 96 a., 50 de prof., 58 de sac. Foi diretor por 6 anos.

Morreu em conceito de santidade, com estas características: vida ascética e mortificada, mas santamente ativa; rigorosa observância religiosa; profundo espírito de oração, saboreando horas de grande intimidade ao pé do Tabernáculo; pobreza autenticamente evangélica; dedicação aos pobres e necessitados que ajudava com abnegação e caridade; humildade e vida escondida em tudo.

### *Padre Mário José Anfossi*

★ em Nice (França) 25-12-1902, † em Sion (Suíça) 7-6-1970 com 57 a., 47 de prof., 38 de sac.

*Padre Isaías Ávila*

★ em Machetá (Cundinamarca — Colômbia) 9-2-1895, † em Bogotá (Colômbia) 4-12-1970, com 75 a., 33 de prof., 43 de sac.

Trabalhou por quinze anos nas Missões e, voltando à pátria, se dedicou à educação da juventude com entusiasmo. Veio a falecer por um ataque imprevisto da doença que em dois dias o levou à tumba.

*Padre Salvador Baraca*

★ em Sorso (Sássari-Itália) 24-3-1891, † em Cágliari (Itália) 7-1-1971 com 79 a., 50 de prof., 46 de sac.

Dedicou-se com amor, diligência e entusiasmo, enquanto lho permitiram as forças, à escola e ao apostolado, especialmente das confissões. Passou quase toda a vida em sua terra natal — a Sardenha — circundado da simpatia dos irmãos e dos numerosos ex-alunos, animando cordialmente a Comunidade com as recordações da própria vida.

*P. Bernardo Barreda*

★ em Calme (Arequipa-Perú) 24-8-1886, † Arequipa 16-11-1970, com 84 a., 63 de prof., 49 de sac. Foi diretor por 6 anos.

Ocupou posições de responsabilidade como diretor e prefeito durante muitos anos. Desde 1950 foi confessor da casa e de outras comunidades religiosas. Tinha um caráter amável, que granjeava a simpatia de todos. Cultivava vocações religiosas e salesianas, procurando recursos para ajudar os mais pobres, a fim de que pudessem seguir o divino chamamento. Todos o apreciavam pelo zelo, piedade sacerdotal e fidelidade aos deveres religiosos.

*P. Clodomiro Bove*

★ em Casalduni (Benevento-Itália) 11-1-1908, † Vico Equense (Nápoles-Itália) 3-1-1971, com 62 a., 39 de prof., e 30 de sac.

A suavidade de caráter que lhe era própria se refletia no seu trabalho de salesiano e sacerdote: semper disponível a todos. Por muitos anos foi confessor dos noviços e de comunidades religiosas. Foi também prefeito em várias casas. Tinha o dom da simplicidade e bondade, que levava todos a lhe abrirem o coração.



*P. Carlos Braga*

★ em Tirano (Sôndrio-Itália) 23-5-1889, † em São Fernando (Pampanga-Filipinas) 3-1-1971, com 81 a., 65 de prof., 57 de sac. Foi diretor por 14 a., por 23, Inspetor e por 5, Visitador Inspetorial.

Coração sereno e otimista, animador cheio de entusiasmo no trabalho salesiano, amantíssimo das almas e da Igreja, exercitou seu primeiro apostolado na Itália, onde os ex-alunos o recordam com simpatia e saudades. O exemplo e exortações que dava despertaram em muitos a vocação salesiana e missionária. Partiu para a China e era diretor em Shiu Chow na ocasião do martírio de Dom Versiglia e do Pe. Caravário. Inspetor da Inspetoria chinesa, de 1930 a 1953, levou-a a grande florescência de obras, com ótimo espírito salesiano e apostólico entre os irmãos. Depois da perseguição comunista deu vida às novas obras das Filipinas, onde foi o primeiro Visitador Inspetorial. Encerrou sua vida como um patriarca em nosso aspirantado de São Fernando. A sua figura pertence ao quadro dos grandes salesianos que abriram o caminho à ação missionária da nossa Congregação.

*P. André Capobianco*

★ em Palermo (Itália) 25-4-1922, † em Messina (Itália) 14-1-1971 com 48 a., 30 de prof., 21 de sac.

Irmãos humilde e modesto. Sempre pronto para os deveres de sacerdote, de professor e de assistente. Estimado e apreciado pelos irmãos e jovens, graças a sua bondade e piedade.

*P. Manoel Cataluccio*

★ em Floridia (Siracusa-Itália) 10-2-1907, † em Palermo (Itália) 21-11-1970, com 63 a., 43 de prof. e 37 de sac.

Demonstrou desde os primeiros anos de profissão raras qualidades para o magistério e assistência, trabalhando conforme o método salesiano. Mas, muito cedo, forte esgotamento fez com que tivesse de diminuir as atividades, até deixá-las completamente nos últimos anos. Deu exemplos de resignação à vontade de Deus até ao chamamento para a eternidade.

*P. Antônio Cianfriglia*

★ em Palestrina (Roma-Itália) 18-10-1884, † em Roma 3-1-1970 com 85 a., 19 de prof. e 53 de sac.

Entrou na Congregação já em idade madura. Desempenhou seu trabalho de professor diligente e apreciado diretor de consciência em várias casas salesianas do Lácio. Modos delicados, apêgo à pobreza, prontidão e diligência nos vários encargos que teve foram o seu distintivo.

*P. José Coggiola*

★ em Frassineto Po (Alexandria-Itália) 15-6-1899, onde † 8-12-1970, com 71 a., 55 de prof. e 46 de sac. Foi diretor por 4 anos e por 11, Inspetor.

Foi bela e grande figura de salesiano, apegadíssimo a Dom Bosco, ao seu espírito, à Congregação. Trabalhador inteligente, dinâmico e entusiasmado, serviu à Congregação com gestos de extraordinária generosidade. Ainda novel sacerdote foi enviado a Boêmia e Morávia, onde se estava iniciando a obra salesiana. Lá permaneceu até 1938, quando foi nomeado Inspetor do Perú e da Bolívia. Governou a inspetoria com ricos dotes de equilíbrio e desenvolveu maravilhosamente as obras, dando incremento sobretudo às vocações. Em 1949 foi enviado como diretor e depois como ecônomo e confessor da Editorial Dom Bosco, de Buenos Aires. Sofreu nos últimos anos graves crises cardíacas, em que revelou a religiosidade serena e robusta de sua bela alma.

*P. Emilio Colombo*

★ em Buenos Aires (Argentina) 6-10-1893, onde † 29-10-1970, com 77 a., 60 de prof. e 52 de sac. Foi diretor por 18 anos.

Distinguiu-se como professor e educador e orientou, como Dom Bosco, a habilidade de prestigiador e a simpatia de trato, para levar os jovens ao bem. Formou gerações e gerações de alunos na arte teatral. Pároco durante 15 anos e procurado diretor de almas por 40, deixou linda recordação de bondade e zelo sacerdotal.

*P. Daniel Colussi*

★ em Casarsa della Delizia (Udine-Itália) 15-4-1911, † em Cabo (Sul da África) 29-12-1970, com 59 a., 41 de prof. e 31 de sac.

Passou 18 anos nas missões do Assam (Índia), de onde voltou à Itália por motivos de saúde. Tendo-se restabelecido trabalhou por

10 anos na Itália e ao depois se ofereceu apra novas responsabilidades de caráter missionário no Sul da África. Deixou entre os meninos e irmãos a lembrança de um sacerdote de bom coração, exemplar, missionário fiel até o fim.

*P. Albino Comba*

★ em Frossasco (Turim-Itália) 5-3-1888, † Shillong (Índia) 1-12-1970, com 82 a., 58 de prof., e 50 de sac.

Entrou na Congregação já adulto e professor em escolas do govêrno. Em 1929, já ancião, obteve que o mandassem como missionário ao Assam, onde trabalhou no estudantado teológico e em outras casas de formação, como professor e confessor. Quem o conheceu, amou-o, porque foi homem de Deus, bom para com todos, sempre alegre, sempre serviçal. Ninguém o ouviu dizer palavra que tivesse ressaibo de ofensa, impaciência ou irritação.

*P. Angelo Conti*

★ em Sarneola (Pádua-Itália) 5-12-1907, † em Pordenone (Itália) 19-1-1971, com 63 a., 45 de prof., 36 de sac.

Fidelidade a Dom Bosco foi a norma constante da sua vida de educador e sacerdote. Compreendeu profundamente a missão sacerdotal aonde quer o mandasse a obediência: delegado dos Cooperadores, pioneiro do movimento ACLI em Verona, primeiro pároco da nossa Paróquia em Pádua e, finalmente, confessor na Igreja de Dom Bosco em Pordenone, onde um enfarte lhe cortou a existência, deixando saudosa lembrança entre os irmãos e as almas que dirigia espiritualmente.

*P. Aquiles Cotta*

★ em Milão (Itália) 22-9-1923, † em Macau (Ásia Oriental) 13-12-1970, com 47 de prof., e 21 de sac.

Passou grande parte da sua vida em Yuet Wa College de Macau. Foi professor estimadíssimo e querido dos alunos e ex-alunos. Como sacerdote e religioso mostrou-se exemplar em tudo, mesmo por natural inclinação à ordem e regularidade. Era muito devoto do Nossa Senhora.

*P. Valentim Cricco*

★ em Cachoeira (ES — Brasil) 17-9-1893, † em Vitória (ES — Brasil) 19-11-1970, com 77 a., 57 de prof. e 48 de sac. Foi diretor por 15 anos.

O Padre Valentim revelava até nos modos de falar e agir as características salesianas da alegria e do otimismo. Isso abria os corações de quantos dêle se aproximavam. Inteligência aberta, exuberante de vida e entusiasmo, trabalhou em meio aos jovens até o último dia, quando a morte o colheu improvisamente.

*P. Paulo Csik*

★ em Kirbalov — Szaboko (Eger-Hungria) 4-2-1898, † em West Haverstraw (N. Y. — Estados Unidos) 20-6-1970 com 72 a., 44 de prof. e 38 de sac. Foi diretor por 9 anos.

O P. Cski foi um salesiano amado e apreciado por todos, de grande espírito de trabalho e sacrifício. Sua generosidade e sua bondade não tinham limites, sobretudo tratando-se de meninos pobres e abandonados: conquistava-os com seu sorriso amável e com seu bom coração. Nos últimos anos dedicou tôdas as energias à construção do Santuário de N. S. Auxiliadora em Harverstraw.

*P. Guido De Mattia*

★ em Roverado in Piano (Udine-Itália) 24-8-1899, † em Santiago (Chile) 28-1-1971, com 71 a., 42 de prof. e 31 de sac.

Simples, alegre, laborioso, sempre pronto para o sacrifício. Entre os jovens e na populosa paróquia da Gratiud Nacional de Santiago, onde viveu 25 anos, empreendeu trabalho silencioso, mas profundo, sobretudo no sacramento da penitência. Foi muito apreciado e procurado como diretor espiritual, também de numerosos sacerdotes e religiosos.

*P. Luciano Demolder*

★ em Ypres (Bélgica) 3-6-1908, † em Jacquet River (Canadá) 3-4-1970, com 61 a., 41 de prof. e 34 de sac. Foi diretor por 3 anos.

Grande apóstolo missionário, pôs em prática todos os dias o lema de D. Bosco: “dal-me almas...”. Gostava de ser chamado o “vagamundo de Dom Bosco”, no tempo em que foi encarregado da propagand entre cooperadores e benfeitores em S. Pieters Woluvé. Enviado em 1963 à paróquia de Sainte Claire em Montral, foi um verda-

deiro apóstolo, sensibilizado com as necessidades do próximo, especialmente dos pobres abandonados: é que o animava a verdadeira caridade de Cristo.

*Coad. José Di Bella*

★ em Bronte (Catânia-Itália) 27-1-1881, † em Goshen (N. Y. — Estados Unidos) 20-6-1970, com 89 a., e 8 meses de prof.

Fêz-se salesiano na “hora undécima”, mas, por muitos anos, antes da profissão, trabalhou com os aspirantes da casa de Goshen, assimilando e praticando o verdadeiro espírito salesiano, sobretudo no apostolado e sacrifício de si próprio pelos outros. Tranquilo e humilde, era admirado por todos e especialmente pelos aspirantes, por causa de seu espírito de piedade e jovialidade.

*P. Francisco Donnelly*

★ em Londres (Inglaterra) 19-2-1894, em Londres 28-12-1970, com 76 a., 49 de prof. e 42 de sac.

Depois de ter tomado parte na primeira guerra mundial, sentiu o chamado de Nosso Senhor à Congregação Salesiana. Foi edificante pela sentida piedade e pelo amor, quase escrupuloso, pelas regras e tradições. A saúde fraca não lhe permitiu empreender grandes trabalhos apostólicos. Sofreu várias operações cirúrgicas, que suportou com coragem e abandono nas mãos de Nosso Senhor. A missão que teve nos últimos anos foi a da oração e do sacrifício.

*Coad. Hugo Fassbender*

★ em Oberlahnstein (Alemanha) 10-5-1914, † em Helenenberg (Alemanha) 5-11-1970, com 56 a., e 37 de prof.

Por motivo do serviço Militar e como prisioneiro de guerra por 12 anos esteve ausente da comunidade. Voltando cheio de boa vontade e entusiasmo, e cumpriu regularmente os deveres religiosos. Adaptou-se com facilidade a todos os trabalhos materiais da Casa, mas se empenhou ainda no apostolado em prol dos jovens, sacrificando-se a ponto de receber deles o belo nome de “pai”.

*Coad. Adolfo Forés*

★ em Useras (Castellón-Espanha) 15-10-1946, † em Valença (Espanha) 16-1-1971, com 24 a. e 4 de prof.

Embora doentio, foi ótimo salesiano pelas excelentes virtudes e pelas boas disposições com que abraçou a vocação. Sua piedade fer-

vorosa, sua doação ao próximo demonstraram nele uma não comum meta de perfeição.

*P. Domingos Giannantonio*

★ em Limosano (Campobasso-Itália) 26-7-1886, † em Frascati (Itália) 6-6-1970, com 83 a., 66 de prof. e 57 de sac. Foi diretor por 4 anos.

Esforçado professor elementar por mais de 40 anos, com método diligente, silencioso, calmo educativo. Cultivou numerosas vocações; trabalhou para as missões e para a Pla Obra do Sagrado Coração, com admirável dedicação; no confessionário guiou um sem número de almas, que recebiam dêle a palavra seguira, confortadora e paterna: era um verdadeiro filho de Dom Bosco. Foi sempre pobre, humilde, alegre, ativo, apegadíssimo ao genuíno espírito salesiano.

*. Cirilo Goemaere*

★ em Deerlijk (Bélgica) 20-9-1912, † em Liège (Bélgica) 18-1-1971, com 58 a., 37 de prof. e 28 de sac.

Com a humildade e serenidade soube conquistar a confiança e estima de muitos, sobretudo no ministério das confissões. O seu caráter bom, a sua competência no magistério afeiçoaram o coração de muitíssimos alunos que com frequência o procuravam para se entreter com êle. Longa doença preparou-o, no amor à Cruz, ao encontro com Deus.

*P. Valentim Grasso*

★ em Turim (Itália) 3-3-1889, † em Astudillo (Palência-Espanha) 7-12-1970, com 81 a., 63 de prof., 55 de sac. Foi diretor por 5 anos.

Os funerais dêsse filho fidelíssimo da Igreja e da Congregação foram demonstração da estima de que gozava e da gratidão com que lhe retribuíram pela simplicidade com que tratava os pequenos e pela sabedoria no ministério das confissões. Alegrou-se ao deixar o cargo de diretor e mestre de noviços para em tudo melhor se dedicar aos outros com bondade de alma e sereno otimismo.

*P. Frederico Jordana*

★ em Sarroca (Lérida-Espanha) 14-7-1889, † em Barcelona (Espanha) 9-11-1970, com 81 a., 62 de prof. e 53 de sac.

Passou quase toda a vida em Sarriá, demonstrando particular espírito de sacrifício na convivência fraterna com um sem número

de alunos. Desde Sarriá, encaminhou nos dias festivos, o Oratório da cidade vizinha de Barcelona, onde com caridade e zêlo, lançou os alicerces de grandiosa obra popular salesiana, muito apreciada na cidade. Prêso no seu quarto por anos, devido a longa doença, rezava constantemente pela Congregação e pelas vocações.

*P. Francisco Krpec*

★ em Markovice (Mistele-Cecoslováquia) 25-3-1916, † em Terni (Itália) 25-7-1969, com 53 a., 35 de prof., 25 de sac. Foi diretor por três anos.

*P. Francisco Xavier Li Ang (Likhit Chavapraphan)*

★ em Bangucoque (Tailândia) 23-9-1929, † Bangucoque 4-10-1970, com 41 a., 21 de prof. e 11 de sac.

É o primeiro salesiano da Tailândia, que N. Senhor chama à eternidade. Empenhou seu apostolado sacerdotal principalmente como catequista. Humilde, piedoso, obediente, generoso, entregou-se a um apostolado eficiente em nossas casas e residências missionárias. Foi de exemplo a todos pela vida de oração e piedade eucarística e mariana.

*P. José Lourenço Gómez*

★ em Allariz (Orense-Espanha) 16-5-1881, † em Orense 8-10-1970, com 89 a., 61 de prof. e 55 de sac.

Era um dos salesianos mais antigos da Inspetoria. Nunca teve boa saúde, mas estava sempre tranqüilo e sereno. Impossibilitado de se entregar a trabalhos pesados, prestou-se sempre com generosidade ao delicado ministério das confissões. Recorriam a êle com confiança irmãos, alunos, pessoas externas, particularmente sacerdotes.

*P. Júlio Moermans*

★ em Zelder (Bélgica) 26-1-1899, † em Groot Bijgaarden (Bélgica) 4-9-1970, com 71 a., 50 de prof. e 41 de sac. Foi diretor por 22 anos e por 9 Inspetor.

Tôda a sua vida se caracterizou por incondicionado amor a Dom Bosco, cujos exemplos e ensinamentos seguiu principalmente como diretor e inspetor. Na leitura assídua das Memórias Biográficas hau-

riu as virtudes salesianas que praticou as que lhe serviram de orientação nos trabalhos incansáveis pela Congregação.

*P. Teodulo Mortier*

★ Vlierzele (Bélgica) 24-9-1912, † Kortrijk (Bélgica) 14-6-1970 com 56 a., 35 de prof. e 28 de sac.

Dotado de dons sem conta de inteligência e coração, pôs-se inteiramente ao serviço das vocações religiosas e sacerdotais, que orientava sobretudo pela direção espiritual, ensinando com exemplos e palavras. Numerosos foram os sacerdotes e religiosos que formou.

*Coad. Antônio Murphy*

★ em Naas (Irlanda) 19-5-1907, † em Oxford (Inglaterra) 30-12-1970, com 63 a., e 30 de prof.

Entrou na Congregação já carpinteiro formado. Depois da profissão dirigiu a construção da nova e grande escola agrícola de Warrenstown (Irlanda). Transferido para o colégio de Oxford passou os últimos anos cuidando dos meninos, aos quais ajudava e edificava com o bom exemplo. Criterioso, afável, de fé simples, tinha como devoções preferidas a santa Missa e o Rosário.

*P. Luís Nemec*

★ em Pertoca (Eslovênia-Iugoslávia) 25-11-1905, † em Trstnik (Eslovênia) 22-8-1970, com 64 a., 45 de prof. e 35 de sac. Foi diretor por 3 anos.

Apóstolo que dava tantas esperanças pelos dotes humanos, salesianos e eclesiais, de que era rico, foi chamado o Jó da comunidade por causa da doença que acometeu-o e que foi apagando pouco a pouco todas as suas atividades.

*P. Marcos Paracchino*

★ em Piano d'Isola (Asti-Itália) 12-5-1924, † em Roma 10-11-1970, com 46 a., 29 de prof. e 19 de sac.

Sabia que suas condições de saúde podiam levá-lo improvisamente à morte. Isso criou nele serena familiaridade com a morte e uma espera cheia de fé. A obediência confiou-lhe encargos quase sempre de administração. Soube afrontá-los com grande respon-



sabilidade humana e profunda compreensão nas mais variadas e dolorosas situações. Sempre disposto, aceitava com alegria e dedicação tôdas as ocasiões de apostolado mais especificamente religioso e sacerdotal.

*P. José Paz*

★ em Martinópolis (Ceará-Brasil) 8-6-1938, † em Fortaleza (Ceará-Brasil) 26-10-1970, com 32 a., 13 de prof. e 3 de sac.

Tinha apenas iniciado frutuoso trabalho apostólico e educativo quando um desastre de automóvel lhe cortou trágicamente a vida, de frente ao centro de educação “Dom Lustosa”, campo de sua atividade. Muito breve a sua vida sacerdotal, mas durará por muito tempo a sua lembrança no coração dos irmãos, dos alunos e das famílias do bairro, por causa da inteligência, zelo e bondade com que trabalhou, cheio do espírito salesiano.

*P. Henrique Pinci*

★ em Palestrina (Roma-Itália) 8-3-1884, † em Roma 23-7-1970 com 86 a., 69 de prof. e 60 de sac. Foi diretor por 35 anos.

Trabalhou com muito zelo durante a sua vida salesiana nas aulas, pregação e ministério sacerdotal. Afelçoadíssimo a Dom Bosco e à Congregação, bom para com todos e cordialmente correspondido, lamentava nos últimos anos não poder despende-se com generosidade nas atividades próprias da vocação salesiana.

*P. Nicolau Placentino*

★ em San Giovanni Rotondo (Foggia-Itália) 6-5-1920, † em Nápoles (Itália) 15-11-1970, com 50 a., 34 de prof. e 24 de sac. Foi diretor por 6 anos.

Alma boa, forte, generosa, habitualmente sereno, soube infundir seu otimismo em todos os que o aproximavam. Dom Bosco e a Congregação foram a paixão de toda a sua vida. Despendeu suas energias em várias casas, particularmente na de Nápoles-Tarsia, trabalhando com doação total e vivo amor em meio aos meninos surdos-mudos, tão necessitados de afeto e compreensão. Aceitou com resignação exemplar os sofrimentos da longa e dolorosa doença, oferecendo-a pelas vocações e pelos meninos.

*P. Agostinho Ramspott*

★ em Londres (Inglaterra) 5-12-1881, † em Beckford (Inglaterra), 11-1-1971, com 89 a., 69 de prof. e 62 de sac.

A nossa Inspetoria de Oxford perdeu o irmão mais antigo. Trabalhou por muitos anos no noviciado e em paróquias. Amou a música e era para êle um prazer cantar e tocar órgão nas funções litúrgicas. Sua bondade, otimismo, perene bom humor, reflexos de uma alma rica de vida interior, criavam ao seu lado um clima de serenidade e fé, que contribuía não pouco a despertar amor e estima para com a nossa Congregação.

*P. Ludovico Réfi*

★ em Bakonyás (Hungria) 6-1-1900, † em Balatonfenyves (Hungria) 22-9-1970, com 70 a., 33 de prof. e 25 de sac.

Já adulto, depois de ter sido tabelião, ao conhecer Dom Bosco, fêz-se salesiano. Com humildade exemplar, adaptou-se logo às exigências da vida comum, distinguindo-se pela piedade, obediência pronta a indefesa laboriosidade. Depois da supressão das nossas comunidades, ganhava a vida trabalhando como guarda-noturno, por mais de 15 anos, numa repartição do Estado. Experimentava grande consolação celebrando privadamente a santa Missa, no próprio quarto.

*P. Paulo Smets*

★ em Overpelt (Bélgica) 24-7-1885, † em Wilrijk-Hoboken (Bélgica) 22-4-1970, com 84 a., 68 de prof., 60 de sac. Foi diretor por 17 anos.

Fêz a primeira profissão religiosa dez anos depois do começo da obra salesiana na Bélgica. Verdadeiro salesiano, não se poupou a fadiga alguma, quando se tratava de contribuir para o desenvolvimento da obra de Dom Bosco. Rico de bondade, religioso verdadeiramente pobre e obediente, ocupou posições de responsabilidade, sempre pronto a prestar serviço a todos. Sua vida demonstrou como deve ser um verdadeiro filho de Dom Bosco.

*P. Francisco Stöglehner*

★ em Amestait (Austria) 12-2-1904, † em Linz (Austria) 3-2-1970, com 65 a., 42 de prof. e 33 de sac. Foi diretor por 20 anos.

Na cura das almas era zeloso e incansável como Dom Bosco. Benemérito pároco e diretor, trabalhou principalmente com aprendizes,

que lhe consagravam grande simpatia: tratava-os mais como amigo do que como superior. Teve dois enfartes que em poucos dias puseram fim à sua atividade sacerdotal.

*P. Guilherme Vagac*

★ em Stará Turá (Eslováquia) 18-8-1887, † em Pezinok (Eslováquia) 1-7-1970, com 82 a., 60 de prof., 51 de sac. Foi diretor por 9 anos.

Foi um dos pioneiros da obra salesiana e em 1924 foi que iniciou na sua pátria a obra salesiana, transferindo-se com os aspirantes eslovacos, de Perosa Argentina (Turim) para Sastin. Fêz voto de trabalhar por 10 anos nas missões, se a obra salesiana se consolidasse na sua pátria. Por isso é que partiu para o Mato Grosso, onde trabalhou por 15 anos como diretor e pároco. Voltando para a própria pátria, encontrou a Inspetoria florescente, com 13 casas e mais de 250 irmãos. Infelizmente a dispersão tudo desfez e isso lhe custou mais dolorosamente do que a longa prisão que sofreu na idade de 70 anos.

*P. Cândido Valentini*

★ em Javré di Villa Rendena (Trento-Itália) 25-6-1884, † em Gorizia (Itália) 3-2-1971, com 86 a., 68 de prof. e 58 de sac.

Longa e operosa existência, iluminada pela fé e pela consciência de ter sempre cumprido o dever, com pontual exatidão. Recebeu a batina, em Foglizzo, das mãos do P. Rua. Esse encontro, conservou-se sempre vivo na sua lembrança, ao longo dos 68 anos de vida religiosa, servindo de incitamento de fidelidade a Dom Bosco. Na última doença deixou em todos a impressão de grande serenidade, serenidade que foi o que lhe caracterizou toda a vida e que irradiou sobre todos os que dêle se aproximavam.

*P. Ulrico Steen*

★ em Capelle St. Ulrich (Bélgica) 5-7-1906, † em Reus (Espanha) 28-12-1970, com 64 a., 44 de prof. e 34 de sac.

Apesar de saúde fraca, procurou fazer sempre o bem mediante contatos pessoais com alunos, ex-alunos, professores leigos e cooperadores. Sempre pronto a dar conselhos ou ajudar, quando possível. Foi essa a expressão da sua fidelidade a Dom Bosco.

*P. Godofredo Vandewinkel*

★ em Neeroeteren (Limbourg-Bélgica) 12-12-1908, † em Bree (Bélgica) 1-11-1970, com 61 anos, 43 de prof. e 33 de sac. Foi diretor por 17 anos.

Logo no ano da ordenação sacerdotal partiu para as missões do Congo; onde trabalhou em muitas mansões como missionário itinerante, ocupando cargos de responsabilidade, fazendo projetos e fazendo as construções necessárias ao desenvolvimento das Missões. Não pôde levar a cabo todos os seus generosos projetos, mas a sua dedicação pelos leprosos e pelos mais pobres e infelizes do seu rebanho teve já certamente sua recompensa.

*P. Guilherme Van Ek*

★ em Hilversum (Holanda) 9-6-1914, † em korbeek-Lo (Bélgica) 2-1-1971, com 56 a., 35 de prof. e 27 de sac.

Empregou a maior parte do seu apostolado sacerdotal em Kortrijk, onde se consagrou incansavelmente à educação dos jovens. Distinguiu-se pela cordialidade com que tratou os ex-alunos. Até o extremo de suas forças quis ajudar de modo especial os meninos mais pobres. Sofreu com serenidade as dores de grave doença.

*P. José Váraljai*

★ em Boldogkövaralja (Hungria) 5-6-1898, onde morreu a 7-10-1970, com 72 a., 54 de prof. e 43 de sac. Foi diretor por 9 anos.

Desde a juventude até o fim da vida realizou em chelo o lema: “trabalho e oração”. Foi assistente atento e sacrificado, superior iluminado e formador de consciência, confessor incansável e de profunda espiritualidade na direção das almas. Manifestou sua prudência de maneira particular na última guerra e ulterior ocupação e fechamento das nossas casas. Morreu, como ardentemente desejava, assistido por um co-irmão sacerdote.

*Clgo. Juliano Venturini*

★ em Villa del Bosco (Pádua-Itália) 4-7-1944, † em Milão (Itália) 17-9-1970, com 26 a. e 8 de prof.

Tinha terminado o segundo ano de teologia. Embora atacado de doença incurável, suspirava pela vida e sonhava com vastos campos de apostolado juvenil nas Filipinas, onde trabalhou generosamente durante o tirocínio. Môço, inteligente, capaz, sabia conquistar os jovens e encaminhá-los nos caminhos do bem. Tinha predileção pelos órfãos e se dedicara completamente à redenção dos pobres.

## 1.º Elenco de 1971

|            | Cognome e Nome       | Lugar de Nascimento      | Data de Nasc. | e morte    | Idade | Lugar da morte      | Insp. |
|------------|----------------------|--------------------------|---------------|------------|-------|---------------------|-------|
| 1 — Sac.   | ALESSANDRI Francisco | Piana (Córsega) (F)      | 18-05-1877    | 22-05-1970 | 93    | Morges (CH)         | Pr    |
| 2 — Coad.  | ALUFFI Vergílio      | Agliano de Asti (I)      | 10-07-1897    | 16-12-1970 | 73    | B. Aires (RA)       | BA    |
| 3 — Sac.   | ÁLVAREZ Francisco    | Caracas (VZ)             | 23-02-1874    | 13-08-1970 | 96    | Caracas (Vz)        | Vz    |
| 4 — Sac.   | ANFOSSI Mário José   | Nice (F)                 | 25-12-1902    | 1-06-1970  | 67    | Sion (CH)           | Pr    |
| 5 — Sac.   | ÁVILA Isaías         | Machetá (CO)             | 9-02-1895     | 4-12-1970  | 75    | Bogotá (CO)         | Bg    |
| 6 — Sac.   | BARACA Salvador      | Sorso (I)                | 24-03-1891    | 7-01-1971  | 79    | Cágliari (I)        | Ro    |
| 7 — Sac.   | BARREDA Bernardo     | Caime (Perú)             | 24-08-1886    | 16-11-1970 | 84    | Arequipa (Perú)     | Pe    |
| 8 — Sac.   | BOVE Clodomiro       | Casalduni (I)            | 11-01-1908    | 3-01-1971  | 62    | Vico Equense (I)    | Cp    |
| 9 — Sac.   | BRAGA Carlos         | Tirano (I)               | 23-05-1889    | 3-01-1971  | 81    | S. Fernando (FIL)   | Fi    |
| 10 — Sac.  | CAPOBIANCO André     | Palermo (I)              | 25-04-1922    | 14-01-1971 | 48    | Messina (I)         | Sc    |
| 11 — Sac.  | CATALUCCIO Manoel    | Florida (I)              | 10-02-1907    | 21-11-1970 | 63    | Palermo (I)         | Sc    |
| 12 — Sac.  | CIANFRIGLIA Antônio  | Palestrina (I)           | 18-10-1884    | 3-01-1970  | 85    | Roma (I)            | Ro    |
| 13 — Sac.  | COGGIOLA José        | Frassineto (I)           | 15-06-1899    | 8-12-1970  | 71    | Frassineto (I)      | BA    |
| 14 — Sac.  | COLOMBO Emilio       | B. Aires (RA)            | 6-10-1893     | 29-10-1970 | 77    | B. Aires (SA)       | BA    |
| 15 — Sac.  | COLUSSI Daniel       | Casarsa della Deliza (I) | 15-04-1911    | 29-12-1970 | 59    | Capo (Sul Afr)      | Ir    |
| 16 — Sac.  | COMBA Albino         | Frossasco (I)            | 5-03-1888     | 1-12-1970  | 82    | Shillong (ID)       | Ga    |
| 17 — Sac.  | CONTI Angelo         | Sarmeola-Rubano (I)      | 5-12-1907     | 19-01-1971 | 63    | Pordenone (I)       | Vn    |
| 18 — Sac.  | COTTA Aquiles        | Milão (I)                | 22-09-1923    | 13-12-1970 | 47    | Macau (Ásia Or)     | Ci    |
| 19 — Sac.  | CRICCO Valentim      | Cachoeiro (BR)           | 17-09-1893    | 19-11-1970 | 77    | Vitória (BR)        | BH    |
| 20 — Sac.  | CSIK Paulo           | Kirbalov-Izabókö (H)     | 4-02-1898     | 26-06-1970 | 72    | W. Haverstrav (USA) | NR    |
| 21 — Sac.  | DE MATTIA Guido      | Roveredo in Piano (I)    | 24-08-1899    | 28-01-1971 | 71    | Santiago (RCH)      | CI    |
| 22 — Sac.  | DEMOLDER Luciano     | Ypres (B)                | 3-06-1908     | 3-04-1970  | 61    | Jacket R. (Canadá)  | NR    |
| 23 — Coad. | DI BELLA José        | Bronte (I)               | 27-01-1881    | 20-06-1970 | 86    | Goshen (USA)        | NR    |
| 24 — Sac.  | DONNELLY Francisco   | Londres (Ingl)           | 10-02-1894    | 28-12-1970 | 76    | Londres (Ingl)      | Ig    |
| 25 — Coad. | FASSBENDER Hugo      | Oberlahnstein (Alem)     | 10-05-1914    | 15-11-1970 | 56    | Hebnenberg (Alem)   | Kö    |
| 26 — Coad. | FORES Adolfo         | Useras (E)               | 15-10-1946    | 16-01-1971 | 24    | Valença (E)         | Va    |

## 1.º Elenco de 1971

|            | Cognome e Nome        | Lugar de Nascimento      | Data de Nasc. | e morte    | Idade | Lugar da morte          | Insp. |
|------------|-----------------------|--------------------------|---------------|------------|-------|-------------------------|-------|
| 27 — Sac.  | GIANNANTONIO Domingos | Limosano (I)             | 28-07-1886    | 6-06-1970  | 83    | Frascati (I)            | Ro    |
| 28 — Sac.  | GOEMAERE Cirilo       | Deerlyk (Bélg)           | 20-09-1912    | 18-01-1971 | 58    | Liège (Bélg)            | LB    |
| 29 — Sac.  | GRASSO Valentim       | Turim (I)                | 3-03-1889     | 7-12-1970  | 81    | Astudillo (E)           | Le    |
| 30 — Sac.  | JORDANA Frederico     | Sarroca de Bellera (E)   | 14-07-1889    | 19-11-1970 | 81    | Barcelona (E)           | Bn    |
| 31 — Sac.  | KRPEC Francisco       | Merkovice (Checosl)      | 25-03-1916    | 25-07-1969 | 41    | Banguécoque (Tail)      | Th    |
| 32 — Sac.  | LI ANG Francisco      | Banguécoque (Tail)       | 23-09-1929    | 4-10-1970  | 89    | Orense (R)              | Ce    |
| 33 — Sac.  | LOURENÇO José         | Allariz (E)              | 18-05-1881    | 18-10-1970 | 53    | Terni (I)               | Bo    |
| 34 — Sac.  | MOERMANS Júlio        | Zolder (Bélg)            | 26-01-1899    | 4-09-1970  | 71    | Grovt Bijgaarden (Bélg) | Wo    |
| 35 — Sac.  | MORTIER Teodulo       | Vlierzele (Bélg)         | 24-09-1913    | 16-06-1970 | 56    | Kortrijk (Bélg)         | Wo    |
| 36 — Coad. | MURPHY Antônio        | Naas (Irlanda)           | 19-05-1907    | 30-12-1970 | 63    | Oxford (Ingl)           | Ig    |
| 37 — Sac.  | NEMEC Luís            | Pertoca (Iugosl)         | 25-11-1905    | 22-08-1970 | 64    | Trstenik (Jugosl)       | Ju    |
| 38 — Sac.  | PARACCHINO Marcos     | Piano d'Isola (I)        | 12-05-1924    | 10-11-1970 | 46    | Roma (I)                | Ro    |
| 39 — Sac.  | PAZ José              | Martinópolis (BR)        | 8-06-1938     | 26-10-1970 | 32    | Fortaleza (BR)          | Re    |
| 40 — Sac.  | PINCI Henrique        | Palestrina (I)           | 8-03-1884     | 23-07-1970 | 86    | Roma (I)                | Ro    |
| 41 — Sac.  | PLACENTINO Nicolau    | S. Giov. Rotondo (I)     | 6-05-1920     | 15-11-1970 | 50    | Nápoles (I)             | Cp    |
| 42 — Sac.  | ROMSFOTT Agostinho    | Londres (Ingl)           | 5-12-1881     | 11-01-1971 | 89    | Beckfort (Ingl)         | Ig    |
| 43 — Sac.  | REFI Ludovico         | Bakonysag (H)            | 6-01-1900     | 22-09-1970 | 70    | Balatonfenyves (H)      | Un    |
| 44 — Sac.  | IMETS Paulo           | Overpelt (Bélg)          | 24-07-1885    | 22-04-1970 | 84    | Wilryk-Hob (Bélg)       | Wo    |
| 45 — Sac.  | STOGLETNEZ            | Amesreit (Austria)       | 12-02-1904    | 3-02-1970  | 65    | Linz (Austria)          | Au    |
| 46 — Sac.  | VAGAC Guilherme       | Stará Turá (Eslov)       | 18-08-1887    | 1-07-1970  | 82    | Pezinok (Eslov)         | Sl    |
| 47 — Sac.  | VALENTINI Cândido     | Javré (I)                | 25-06-1884    | 3-02-1971  | 86    | Gorícia (I)             | Vn    |
| 48 — Sac.  | VANDERSTEEN Ulrico    | Capelle S. Ulrich (Bélg) | 5-07-1906     | 28-12-1970 | 64    | Reus (E)                | Wo    |
| 49 — Sac.  | VENDEWINKEL Godofredo | Neeroeterem (Bélg)       | 12-12-1908    | 1-11-1970  | 61    | Bree (Bélg)             | AC    |
| 50 — Sac.  | VANEK Guilherme       | Hilversom (Hol)          | 9-06-1914     | 2-01-1971  | 56    | Korbeek-Lo              | Wo    |
| 51 — Sac.  | VARALJAI José         | Boldogkővaraljai (H)     | 5-06-1898     | 7-10-1970  | 72    | Boldogk (H)             | Un    |
| 52 — Clgo. | VENTURINI Juliano     | Villa del Bosco (I)      | 04-07-1944    | 17-09-1970 | 26    | Milão (I)               | Fi    |